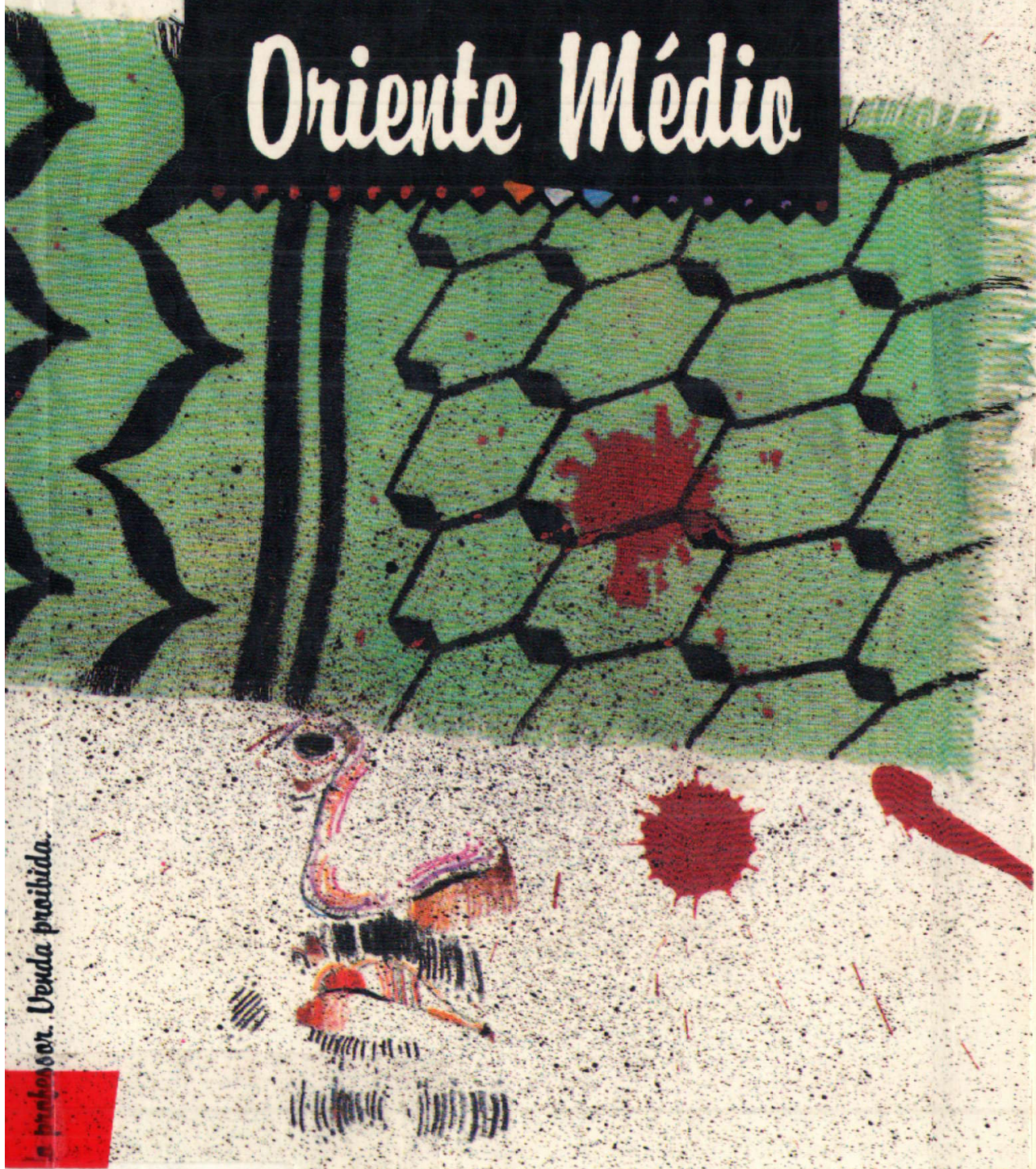


PONTO DE APOIO

LEANDRO KARNAL

Oriente Médio



Proibida a venda.

0
1
50

editora scipione

PONTO DE APOIO

Adilson Aloes de



LEANDRO KARNAL

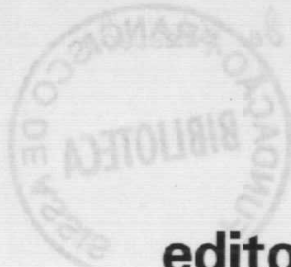
DOAÇÃO

Oriente
Médio



editora scipione





editora scipione

DIRETORES

Luiz Esteves Sallum
Maurício Fernandes Dias
Vicente Paz Fernandez
Patrícia Fernandes Dias
José Gallafassi Filho
Antonio Nicolau Youssef
Joaquim Nascimento

GERÊNCIA EDITORIAL

Aurelio Gonçalves Filho

PROJETO EDITORIAL

Dinâmica Artes & Idéias

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Gil Naddaf

REVISÃO

chefia - Sâmia Rios
assistência - Miriam de Carvalho Abões
preparação - Irene Hikichi
revisão - José Roberto Ferreira Leite, Patrícia Pappalardo e Maria Elizabeth R. de Gouveia

ARTE

chefia - Antonio Tadeu Damiani
coordenação - Maria do Céu Pires Passuello
cartografia - Sueli Ribas Loça
capa - Zéflávio Teixeira

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Márcia Sasso
assistência - Regina Trivinho Blandón

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

José Antonio Ferraz

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gráfica Editora Hamburg Ltda.

Editora Scipione Ltda.

MATRIZ

Praça Carlos Gomes, 46
01501-040 São Paulo SP

DIVULGAÇÃO

Rua Fagundes, 121
01508-030 São Paulo SP

Tel. (011) 239 1700

Telex (11) 26732

Caixa Postal 65131

1994

ISBN 85-262-2218-X

BIBLIOTECA
FUNDAÇÃO FRANCISCO DE ASSIS
Registro nº 26450/2005

Sumário

1. *Introdução* 7
 2. *Além da areia* 9
 3. *O "ouro negro"* 11
Os países da região 14
 4. *Os povos de um Deus* 15
O judaísmo 16
O cristianismo 17
O islamismo 17
 5. *A caravana passa* 20
Culturas e tempos antigos 21
Problemas novos sobre áreas velhas 22
 6. *Sob o signo de Armagedon — Israel* 24
Um povo em busca de sua terra 25
Surge Israel... 25
 7. *Os conflitos árabe-israelenses* 31
A Guerra de Suez 32
A Guerra dos Seis Dias 33
A Guerra do Yom Kippur 35
 8. *Os atritos entre os árabes* 37
A Guerra Irã-Iraque 38
A Guerra do Golfo 40
A paz difícil 43
 9. *Os povos errantes* 47
O problema nacional 48
Palestinos 48
Curdos 53
 10. *Líbano e Afeganistão* 54
Os horrores da guerra:
Líbano 55
Problemas internos e externos 56
Começa a luta fratricida 57
Afeganistão: a foice contra o crescente 59
 11. *Retomando o caminho feito* 61
Organizando as idéias... 62
Os países hoje 63
Soluções? 64
 12. *A paz no Oriente Médio* 66
- Bibliografia e filmoteca* 70
O que há para ler 70
O que há para ver 70

Asa a experiência: ligue a televisão durante algum programa de notícias internacionais. É muito difícil que não apareça alguma referência ao Oriente Médio. Os problemas dessa área parecem tão eternos como o conflito de Israel, a crise brasileira e as questões ecológicas. De onde nascem esses problemas?

Os antigos no Oriente Médio não antigos. Num livro tão velho como o deserto, a Bíblia, conta-se a história a respeito dos povos do Oriente. Um povo, sem história, estava casado com Sara há muito tempo e não tinha filhos. Já com 86 anos de idade, Abraão decidiu ter um filho com Agar, uma serva egípcia. Grávida, Agar olhava Sara com desprezo. Nasceu Ismael, e um anjo anunciou que ele seria pai de uma grande nação.

Pouco tempo depois, Abraão recebeu a notícia de que Sara seria mãe. Nasceu Isaac quando seu pai contava um século de idade. Naturalmente, o relacionamento entre Sara e Agar não era bom. Por pressão de sua esposa, Abraão acabou expulsando Agar e Ismael para o deserto, apesar de ter garantido sua herança tanto a Isaac quanto a Ismael.

A tradição diz que Ismael tornou-se o pai do novo estado, enquanto Isaac dava continuidade ao povo judeu. Ambos filhos do mesmo pai, ambos com a mesma tradição de pastores do deserto, mas separados pelo ressentimento entre filho bastardo e filho legítimo. Começava um longo e doloroso

É claro que os problemas do Oriente Médio não nasceram de uma história tão simples. Este livro é, exatamente, judeu-foi a história do mundo: os antigos do Oriente Médio, os povos dessa área e seus conflitos. Tratamos, portanto, da cultura, da história, da tradição brilhante e críptica que, depois, se tornaram completamente diferentes.

Imagine um estrangeiro vindo ao Brasil. No seu livro haverá um capítulo sobre o Brasil, sobre assassinatos de menores, sobre corrupção e outro sobre a história da Amazônia. Apesar de tudo isso ser verdade, o Brasil não está reduzido a seus problemas; da mesma forma, o Oriente Médio não é apenas guerra. Inteligentemente somos mais fascinados pelas tragédias do que pelas realizações positivas. Este livro trata das questões culturais que fazem parte do programa de História e Geografia e faz reflexões mais amplas e gerais. Não há sentido nenhum em aprender um conteúdo se ele não servir para repensar o seu mundo atual.

Introdução



Fança a experiência: ligue a televisão durante algum programa de notícias internacionais. É muito difícil que não apareça alguma referência ao Oriente Médio. Os problemas dessa área parecem tão eternos como o tráfico de drogas, a crise brasileira e as questões ecológicas. De onde nascem esses problemas?

Os atritos no Oriente Médio são antigos. Num livro tão velho como o deserto, a *Bíblia*, conta-se uma história a respeito dos povos do Oriente. Um personagem bíblico, Abraão, estava casado com Sara há muito tempo e não tinha filhos. Já com 86 anos de idade, Abraão decidiu ter um filho com Agar, uma serva egípcia. Grávida, Agar olhava Sara com desprezo. Nasceu Ismael, e um anjo anunciou que ele seria pai de uma grande nação.

Pouco tempo depois, Abraão recebeu a notícia de que Sara seria mãe. Nasceu Isaac, quando seu pai contava um século de idade. Naturalmente, o relacionamento entre Sara e Agar não era bom. Por pressão de sua esposa, Abraão acabou expulsando Agar e Ismael para o deserto, apesar de ter garantido sua bênção tanto a Isaac como a Ismael.

A tradição diz que Ismael tornou-se o pai do povo árabe, enquanto Isaac dava continuidade ao povo judeu. Ambos filhos do mesmo pai, ambos com a mesma tradição de pastores do deserto, mas separados pelo ressentimento entre filho bastardo e filho legítimo. Começava um atrito longo e doloroso.

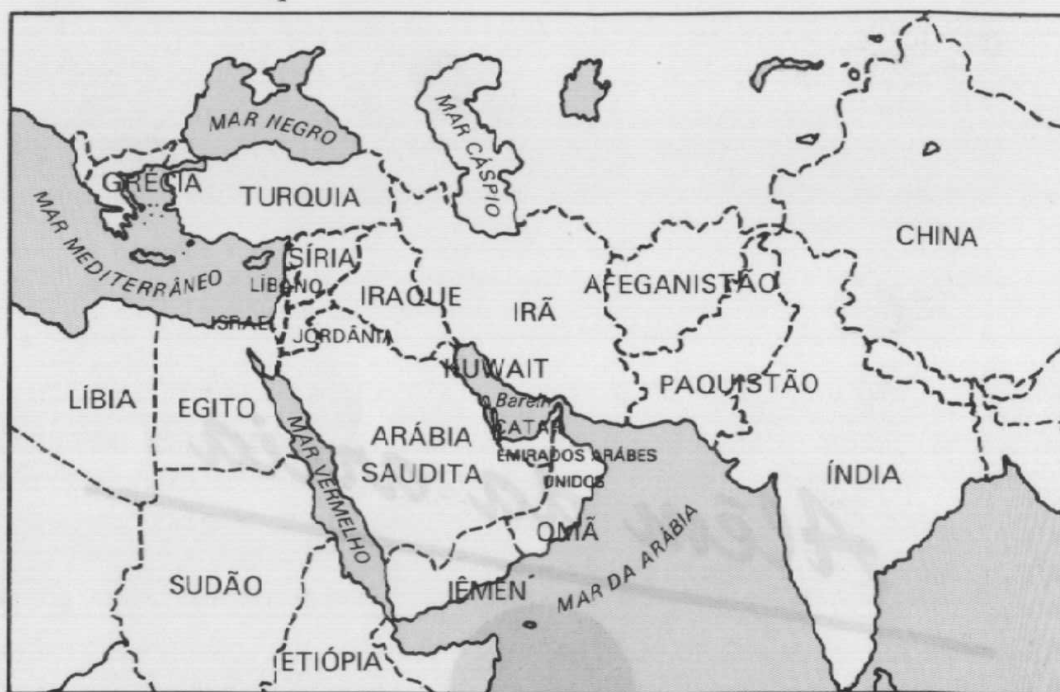
É claro que os problemas do Oriente Médio não nasceram de uma história tão simples. O objetivo deste livro é, exatamente, ajudá-lo a entender uma questão de vital importância para nosso mundo: os atritos do Oriente Médio. Porém, não podemos reduzir todos os povos dessa área a seus atritos. Trataremos também de culturas riquíssimas, de uma tradição brilhante e criativa, sem a qual todos nós, hoje, seríamos completamente diferentes.

Imagine um estrangeiro escrevendo sobre o Brasil. No seu livro haveria um capítulo sobre inflação, outro sobre assassinato de menores, outro sobre corrupção e outro sobre a devastação da Amazônia. Apesar de tudo isso ser verdade, o Brasil não está reduzido a seus problemas; da mesma forma, o Oriente Médio não é apenas guerra. Infelizmente, somos mais fascinados pela tragédia do que pelas realizações positivas.

Este livro trata das questões centrais que fazem parte do programa de História e Geografia e fará reflexões mais amplas e gerais. Não há sentido nenhum em aprender um conteúdo se ele não servir para repensar o seu mundo atual.

A expressão *Oriente Médio* é recente. Antes, usava-se com mais frequência *Oriente Próximo*. Sob um ponto de vista mais limitado, o Oriente Médio é uma região da Ásia formada pelos seguintes países: Irã, Iraque, Arábia Saudita, Turquia, Afeganistão, Iêmen, Kuwait, Omã, Emirados Árabes Unidos, Barein, Catar, Jordânia, Israel, Síria e Líbano.

Porém, por apresentarem características semelhantes, outras regiões são incluídas quando falamos de Oriente Médio. O norte da África — países como Egito, Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos — apresenta desertos, fala língua árabe e pratica a religião muçulmana, características do Oriente Médio. O Egito, em particular, participou sempre ativamente de tudo o que acontecia no Oriente Médio.



Oriente Médio e Oriente Próximo.

Essa área tem como climas predominantes o árido e o semi-árido. Em outras palavras, é uma área de pouca umidade, onde predominam os desertos. As regiões mais úmidas e favoráveis à agricultura são as banhadas pelos grandes rios, como o Tigre e o Eufrates. Também há uma área privilegiada pelas chuvas trazidas pelas nuvens carregadas do oceano Índico: o Iêmen (a palavra *Iêmen* quer dizer “Arábia feliz”).

Grandes comerciantes, os povos dessa área eram nômades, ou seja, mudavam-se de um lugar para outro em busca de água.

3

O "ouro negro"



Além do que vimos, um elemento é comum a quase todo o Oriente Médio: o petróleo. Essa área, especialmente a península arábica, está “boiando” sobre imensas reservas desse combustível natural. Apesar de tantas outras fontes de energia (como a atômica e a solar) terem surgido, o petróleo ainda é a mais importante. Essa abundância petrolífera dá ao Oriente Médio grande destaque no mundo contemporâneo. Potências como a ex-URSS e os EUA são fortes produtoras do “ouro negro”, mas sem o fornecimento do Oriente Médio, com certeza, o mundo industrial pararia ou andaria mais devagar...

Em 1908, pela primeira vez e de forma espetacular, o petróleo jorrou no Irã. Desde então, empresas estrangeiras passaram a demonstrar um interesse imenso pelo Oriente Médio, acelerando a vontade de desmembrar o Império Otomano — que dominaria toda a região, até 1918.

O petróleo trouxe ao Oriente Médio uma realidade estranha. Alguns países, como o Kuwait, transformaram-se em “ilhas da fantasia”, onde a vida parece correr mais fácil do que no resto do mundo: muito dinheiro, ausência de impostos, serviços públicos abundantes e quase gratuitos. Em outras áreas, como Irã e Iraque, apesar das riquezas provenientes do petróleo, a maioria da população vive situações difíceis, já que o dinheiro das exportações não é distribuído de forma equilibrada para a sociedade.

Ao mesmo tempo que o petróleo sustenta a vida econômica de grande parte do Oriente Médio, ele também patrocina a corrida armamentista e os interesses estrangeiros na região. Esses dois elementos colaboram para torná-la instável.

As quatro primeiras empresas do mundo — General Motors, Ford Motor, Exxon, Royal Dutch Shell — estão direta ou indiretamente ligadas ao petróleo. Nesse sentido, pode-se avaliar a importância do Oriente Médio.

No entanto, os maiores países produtores de petróleo não estão lá, embora as grandes reservas e o baixo consumo da região tornem seu petróleo fundamental. Veja o quadro a seguir:

Maiores produtores de petróleo
(em 1 000t métricas — 1988)

ex-URSS	624 323
EUA	460 700
Arábia Saudita	255 160
México	145 400
China	130 688
Grã-Bretanha	109 402
Irã	114 200
Iraque	102 200

Mais uma vez vale a pena lembrar: países que produzem bastante, como a ex-URSS e os EUA, consomem muito também, o que acaba dando destaque à produção do Oriente Médio. Importante também é que as maiores reservas de petróleo estão na Arábia Saudita, no Iraque, no Kuwait e no Irã.

Além dos problemas atuais, o petróleo projeta um problema futuro: trata-se de um bem não renovável, ou seja, vai inevitavelmente acabar. Bênção e praga ao mesmo tempo, ajuda a comprar as camas, mas tira o sono dos que tentam dormir no Oriente Médio.



Poço de petróleo no Kuwait.

Os países da região Veja a seguir alguns dos principais países do Oriente Médio e do mundo muçulmano, para poder comparar alguns dados:


País	Capital	População (aprox.)	Área (km²)	Moeda
Afeganistão	Cabul	16 922 000	652 225	afegane
Arábia Saudita	Riad	14 691 000	2 240 000	rial saudita
Barein	Manama	516 000	677,9	dinar do barein
Catar	Doha	456 000	11 437	rial do catar
Emirados Árabes Unidos	Abu Dabi	1 945 000	77 700	dirrã
Iêmen	Sanaa	11 843 000	536 869	rial iemenita
Irã	Teerã	57 050 000	1 648 000	rial iraniano
Iraque	Bagdá	18 317 000	438 317	dinar iraquiano
Israel	Jerusalém	4 821 000	21 946	novo shekel
Jordânia	Amã	3 285 000	89 206	dinar jordaniano
Kuwait	Kuwait	2 142 600	17 818	dinar kuwaitiano
Líbano	Beirute	2 745 000	10 452	libra libanesa
Omã	Mascate	1 559 000	300 000	rial omani
Síria	Damasco	12 529 000	185 180	libra síria

(Fonte: *Almanaque Abril*, 1993.)

4

Os povos de um Deus



 açúcar e o café são produtos que muito devem aos povos do Oriente Médio. O nome científico do café já mostra isso: *Coffea arabica*, “café da Arábia”. Mas o Oriente Médio não é importante apenas pelo açúcar, o café ou a gasolina que movimenta as cidades. Ele também é importante porque deu ao mundo três grandes religiões: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

O judaísmo A mais antiga das três é o judaísmo. Segundo a *Bíblia*, Deus chamou Abrão, mudou seu nome para Abraão e estabeleceu com ele uma aliança. Como sinal dela, todos os homens seguidores da fé judaica deveriam fazer a circuncisão.

A obra de Abraão foi completada por outro líder, Moisés, o qual deu ao povo judeu um código de leis que inclui de noções teológicas a hábitos alimentares e sexuais. As leis estabelecem a idéia de monoteísmo (a crença num só Deus). Deveriam ainda evitar trabalhos aos sábados, celebrar festas como a Páscoa e não tocar em animais considerados impuros, como o porco.

Os judeus tiveram uma história política agitada. Depois de um período de esplendor com o rei Salomão, foram dominados por vários povos, como os assírios, os persas e os romanos. Rebelaram-se sempre contra o domínio estrangeiro, guardando firme a idéia de que eram um “povo eleito”, ou seja, uma nação que Deus escolhera de forma especial sobre a Terra. Por isso, os judeus nunca foram missionários, não procuraram espalhar a religião judaica. O judaísmo soma hoje no mundo 17 357 000 adeptos.

Após várias revoltas, os romanos reprimiram duramente a Palestina, destruindo Jerusalém e espalhando o povo judeu por todo o mundo mediterrâneo. Desde o Império Romano até 1948, os judeus não tinham um Estado e moravam em quase todos os países da Europa, África, Ásia e América. É a grande Diáspora, a dispersão do povo judeu pelo mundo. A Diáspora foi um período de intensa produção literária e científica dos judeus, mas também de grandes dores, como a perseguição da Igreja e dos Estados católicos e os horrores do nazismo durante a Segunda Guerra Mundial.

O cristianismo A idéia revolucionária de um só Deus, estranha a todo o resto do Oriente, foi a base de outras religiões. Na ordem cronológica, do judaísmo nasceu o cristianismo. Um judeu, Jesus Cristo, pregava uma nova religião, inicialmente bastante próxima do judaísmo.

À idéia de um Deus único e justo, enfatizada pelos últimos profetas do judaísmo, Jesus acrescentava a revelação de um Messias sofredor, que daria a vida pela remissão dos pecados e pela salvação de todos os homens que o aceitassem. Nascia o cristianismo, que, ao contrário de sua matriz, tornou-se uma religião extremamente missionária. Jesus, embora não rejeitasse a Lei e os Profetas, referia-se freqüentemente à liberdade do **poder de Deus**, quebrando princípios enraizados nas interpretações oficiais. A negação do mundo, uma vida futura de recompensas ou de castigos, novos ritos de iniciação (o batismo, em vez da circuncisão), igualdade entre todos os homens, uma vida moral e justa baseada na soberania de Deus eram os ensinamentos que transmitia, enquanto levava uma vida de pobreza e de sacrifício.

Ainda antes do final do Império Romano, o cristianismo associou-se ao Estado e tornou-se religião oficial, vindo a predominar na Europa no período medieval. Com suas subdivisões (católicos, protestantes, etc.), o cristianismo é ainda hoje a maior religião do mundo, com 1 711 897 000 seguidores, dos quais quase a metade é de católicos.

No Oriente Médio os cristãos dividem-se em vários grupos. Um dos mais importantes são os ortodoxos, que nasceram de uma briga entre os cristãos ligados a Roma (católicos) e os ligados ao bispo de Constantinopla (ortodoxos). Além dos ortodoxos, temos cristãos chamados maronitas, numerosos em regiões como o Líbano. O grupo católico romano existe em menor número no Oriente Médio.

O islamismo A terceira religião a aparecer foi a muçulmana. Maomé, seu fundador, viajava bastante com caravanas de camelos, e conheceu as religiões judaica e cristã. Maomé conta que o arcanjo Gabriel, figura sagrada para judeus e cristãos, apareceu-lhe e anunciou uma nova religião: a religião islâmica.

O islamita (a palavra quer dizer “submetido a Deus”) deveria acreditar em Alá, o único deus. Alá pedia aos homens que rezassem

cinco vezes por dia, voltados para a cidade sagrada de Meca. Os homens deveriam dar esmolas de acordo com suas rendas, evitar toda bebida alcoólica, jejuar durante o mês do Ramadã (ou seja, não comer nada durante os dias desse mês, fazendo apenas refeições leves à noite) e, ao menos uma vez na vida, ir em peregrinação à cidade de Meca. As verdades dessa religião foram escritas num livro chamado *Corão*, como a *Bíblia* cristã ou a *Torá* hebraica.

Corão, ou “recitação”, é o livro sagrado do islamismo, sendo também uma obra poética (subdivide-se em versículos), um código de moral e de justiça.

Religião monoteísta, prega que: “Não há deus a não ser Alá, criador do universo, e Maomé é seu mensageiro”.

Maomé pregou a nova religião em Meca, mas foi perseguido pelos homens que cuidavam da Caaba, um templo onde havia uma pedra negra (um meteorito) e as estátuas de mais de 300 deuses das tribos árabes. A fuga de Maomé de Meca para Yatrib (depois chamada Medina) é chamada Hégira (16 de julho de 622). Esse é o ano zero do calendário muçulmano. Assim, em muitos países do mundo árabe, 1992 corresponde ao ano de 1370.

Após a fuga, Maomé conseguiu vários aliados e voltou para Meca, onde destruiu os ídolos da Caaba e implantou definitivamente a religião muçulmana. Seus seguidores realizaram uma vigorosa expansão, como veremos no capítulo seguinte.

Como toda religião, o islamismo sofreu divisões. O maior grupo dentro do islamismo é o dos sunitas, mais liberais em comparação com outros grupos, que aceitaram o governo de califas (a palavra significa “sucessor”) não ligados à família de Maomé. Os sunitas são maioria em quase todos os países muçulmanos.

Outro grupo importante é o dos xiitas (ou alitas), que só aceitam o governo de Ali, marido de Fátima, a filha de Maomé. Os xiitas costumam desenvolver uma religiosidade mais radical do que os outros grupos, procurando seguir à risca as ordens do *Corão*. Por essa postura são classificados como fundamentalistas, palavra que denomina os que desejam seguir todos os fundamentos de uma religião. Os xiitas são minoria em quase toda a região. A maior exceção é o Irã, de absoluta maioria e de governo xiitas. Veja o quadro com dados sobre a relação sunitas/xiitas em alguns países da região:

País	% de sunitas	% de xiitas
Arábia Saudita	85	15
Jordânia	80	10
Afeganistão	80	19
Irã	5	95
Kuwait	70	30
Síria	74	12
Iraque	33	62

Os números que faltam para totalizar 100% são ocupados por outros grupos dentro do islamismo, como zeiditas, hanafitas, malequitais, chafeitas e hambaditas. Há também grupos cristãos e judeus nesses países.

É importante lembrar que nem todo muçulmano é árabe. Essa é uma denominação de lugar de nascimento, muçulmano é uma denominação religiosa, e podem haver muçulmanos espanhóis, africanos ou persas. Como a religião muçulmana teve como elementos mais destacados e como origem os árabes, é comum confundirmos as duas coisas.

Os muçulmanos são extremamente missionários e espalharam-se pelo Oriente Médio, pela Espanha, por quase metade da África e até por regiões distantes da Ásia. A religião muçulmana é hoje a que mais cresce no mundo. Os muçulmanos são maioria em quase metade da África e no Oriente Médio. Em grandes áreas do sul da ex-URSS, no Paquistão, em Bangladesh e na Malásia também representam a maioria da população. O grande crescimento demográfico, mais os problemas sociais e políticos dessas regiões incentivam a imigração, que acaba levando a religião muçulmana para áreas como o sul da França, Estados Unidos, Brasil e dezenas de outras regiões. Em 1991 os muçulmanos somavam 924 611 500 no mundo todo.

Como vimos, os povos dessa região têm em comum o monoteísmo, a crença num só Deus, criador de todas as coisas, a crença numa vida após a morte, em anjos, num juízo final e na punição dos pecadores. Essas idéias, nascidas nos desertos do Oriente Médio, espalharam-se pelo mundo ocidental e tornaram-se a base do pensamento religioso da maior parte do globo. Essas semelhanças deveriam unir os povos do Oriente. Porém, junto a inúmeros outros fatores, a religião é elemento de disputa e separação.

País	% de muçulmanos	% de xilas
Irã	99	12
Arábia Saudita	95	10
Algeria	90	10
Libia	95	10
Quênia	30	13
Síria	74	13
Irã	33	62

5

Os números que faltam para totalizar 100% são ocupados por outros grupos dentro do islamismo, como xeitas, hanafitas, maliquitas, chafitas e hambaditas. Há também grupos cristãos e judeus nesses países.

É importante lembrar que nem todo muçulmano é árabe. Essa é uma denominação de lugar de nascimento, muçulmano é uma denominação religiosa, e podem haver muçulmanos espanhóis, africanos ou persas. Como a religião muçulmana teve como elementos mais destacados e como origem os árabes, é comum confundirmos as duas coisas.

Os muçulmanos são extremamente missionários e espalham-se pelo Oriente Médio, pela Espanha, por quase metade da África e até por regiões distantes da Ásia. A religião muçulmana é hoje a que mais cresce no mundo.

A caravana passa



Como vimos, os povos do mundo têm em comum o monoteísmo, a crença num só Deus, criador de todas as coisas, a criação da vida após a morte, em apor, num juízo final e na punição dos pecadores. Essas idéias, nascidas nos desertos do Oriente Médio, espalharam-se pelo mundo ocidental e tornaram-se a base do pensamento religioso da maior parte do globo. Essas semelhanças deveriam unir os povos do Oriente. Porém, junto a muitos outros fatores, a religião é elemento de disputa e separação.

Culturas e tempos antigos A civilização e a história começaram na região do Oriente Médio.

As cidades do sul da Mesopotâmia, onde hoje estão o Iraque e o Kuwait, foram o berço da mais antiga civilização escrita. Às margens do Nilo floresceu o Egito, cujas realizações ainda encantam as pessoas. No atual Irã surgiram os persas, criadores de um vasto e bem organizado império. Da região hoje ocupada pelo Líbano surgiu esta invenção simples e fundamental chamada alfabeto. Veja um texto escrito em chinês e você reconhecerá a simplicidade brilhante do alfabeto.

Os livros europeus destacam com orgulho a viagem de Vasco da Gama às Índias, sem lembrar de que isso só foi possível graças aos ensinamentos criados ou trazidos pelos muçulmanos, como a bússola e o astrolábio. Enfim, quando Vasco da Gama, personagem de *Os lusíadas*, “descobriu” as Índias, os comerciantes muçulmanos já estavam lá há vários séculos.

Na Idade Média, enquanto a Europa estava voltada para si mesma com o regime feudal, os árabes cresciam de todas as formas. Na Espanha, o contraste entre Europa-cristã e árabes era ainda mais evidente. Cidades com iluminação, sistema de irrigação avançado, universidades, casas de banho: tudo no mundo árabe parecia contrastar com os feudos.

Na ciência, o progresso muçulmano foi admirável. Nomes de estrelas como Aldebarã são o testemunho do progresso da astronomia árabe. Além de grandes inventores, os povos da área muçulmana foram notáveis também pela difusão de conhecimentos de outras civilizações, como o papel, a pólvora, a bússola e o astrolábio.

Durante a Idade Moderna, os turcos otomanos dominaram quase toda a área que hoje chamamos Oriente Médio, estabelecendo um império com capital em Istambul (antiga Constantinopla) e com muita força nos séculos XVI e XVII. A partir de então, começou uma longa decadência do Império Otomano, que iria, doente, arrastar-se até o final da Primeira Guerra Mundial.

Aliado da Alemanha, o Império Otomano foi derrotado e repartido em vários países, a maioria dos quais passou para o domínio europeu, como a Palestina (sob controle inglês) e a Síria (sob controle francês). É a partir desse momento que a situação do Oriente Médio assume as características que permanecem até hoje.

Problemas novos sobre áreas velhas

No processo de composição de países, nações européias como a França e a Inglaterra levaram em conta mais os seus interesses imperialistas do que as necessidades reais dos países do Oriente Médio. Esses interesses imperialistas somaram-se a rivalidades internas no Oriente Médio, numa combinação desastrosa.

Vejamos exemplos para tornar essa idéia mais clara. A formação de Estados Nacionais na Europa é fruto de uma história específica. A França, por exemplo, nasceu de guerras (como a dos 100 anos), de interesses de um rei em centralizar o poder (como Francisco I), de interesses comerciais (como os da burguesia francesa, que queria a formação de um mercado nacional) e de elementos culturais (como a imposição da religião católica sobre dezenas de outras crenças religiosas e do francês sobre dezenas de outras línguas que existiam no território que conhecemos como França).

Estados Nacionais e realidade local

Esse processo não ocorreu no Oriente Médio. A unificação política (como a produzida pelos turcos otomanos sobre o Oriente Médio) não produziu um Estado Nacional. As realidades locais e as diferenças entre cada parte do império permaneceram com grande força. As realidades tribais e locais permaneceram. Alguns elementos de unidade, como a língua árabe e a religião muçulmana, foram insuficientes para estabelecer essa unidade. O chamado pan-arabismo, tentativa de reunir os países árabes, sempre esbarrou nesses imensos problemas.

No século XX, a Europa passou a constituir Estados sobre os restos do Império Otomano. Populações tradicionais como os curdos não formaram um Estado, mas ficaram divididos entre Iraque, Irã e Turquia. Outros locais foram constituídos em minúsculos Estados, como Catar e Emirados Árabes Unidos. Outras regiões, tradicionalmente unidas, foram divididas pela Guerra Fria, como o Iêmen (hoje reunido novamente). O resultado não poderia ser outro.

Um homem que viveu profundamente a realidade do Oriente Médio, Thomas L. Friedman, escreveu que a realidade local é mais forte do que a nacional. "As tribos, clãs, seitas, vizinhança, cidades e regiões rurais não conseguiam meios de equilibrar a intimidade e coesão de seus grupos de tipo tribal com as exigências do Estado-Nação que seria governado por determinadas leis e valores neutros, com os quais todos

concordassem. A maioria dos povos dessa região simplesmente não conseguiu alcançar o nível de consenso requerido por tal organização política.”

O autor quer dizer que a realidade do pequeno grupo (uma aldeia, por exemplo) não podia conviver bem com a realidade do grande grupo (o Estado-Nação). A realidade política e a evolução do Oriente Médio foram diferentes da Europa; porém, a Europa fez surgir países como a Jordânia, que o ministro inglês Churchill confessou ter nascido numa discussão numa tarde de domingo em Londres.

Isso não significa que os povos do Oriente Médio são inferiores politicamente em relação aos de outras regiões. Significa apenas que a sua evolução política seguiu caminhos diversos e não combina com as soluções apresentadas pela Europa.

O Estado de Israel, no entanto, parece estar mais adaptado à forma de Estado-Nação em relação a outros povos vizinhos. Podemos destacar o perigo que cerca Israel como uma das causas que ajuda a unir a nação. Outro elemento importante é a origem dos imigrantes que o formaram: muitos vieram de tradições européias, habituados, pois, ao Estado Nacional. Judeus de origem alemã, polonesa ou francesa formaram-se familiarizados com conceitos como nacionalismo, partidos e eleições.

O que acontece no Oriente Médio não é muito diferente do que ocorre em outras áreas, como a África e o Sudeste Asiático, ou das dificuldades da Índia de viver em harmonia com o modelo político parlamentarista de matriz britânica. A importância estratégica e econômica do Oriente Médio é que transforma esses problemas numa questão mundial.

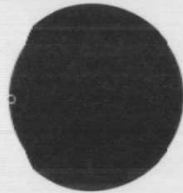
concordassem. A maioria dos povos dessa região simplesmente não conseguiu alcançar o nível de consenso requerido por tal organização política.

O autor quer dizer que a realidade política do Oriente Médio (o Estado-Nação). A realidade política do Oriente Médio foram diferentes da Europa; porém, a Europa fez surgir países como a Jordânia, que o ministro inglês Churchill confessou ter tido uma discussão numa tarde de domingo em Londres.

Isso não significa que os povos do Oriente Médio são inferiores politicamente em relação aos de outras regiões. Significa apenas que a sua evolução política seguiu caminhos diversos e não combina com as soluções apresentadas pela Europa.

O Estado de Israel, no entanto, parece estar mais adaptado à forma de Estado-Nação em relação a outros povos vizinhos. Podemos destacar o perigo que cerca Israel como uma das causas que ajuda a unir a Nação. Outro elemento importante é a origem dos imigrantes que o formaram; muitos vieram de tradições europeias habitadas por um Estado Nacional. Judeus de origem alemã, polaca ou francesa formaram-se familiarizados com conceitos como nacionalismo, partidos e eleições.

Sob o signo de Armagedon - Israel



Um povo em

busca de sua terra Todos os povos conheceram guerras. Para os judeus, a guerra é simbolizada por Armagedon, um lugar mítico, que consta na *Bíblia* como uma região de desastre, de tragédia. Israel nasceu e cresceu sob o signo de Armagedon, ora no ataque, ora na defesa.

Desprovidos de pátria durante vinte séculos, os judeus viram crescer no século XIX o movimento sionista, que lutava para constituir um Estado judeu. Esse movimento tinha uma profunda relação com o nacionalismo que estava então crescendo na Europa. O século XIX viu surgir, graças à força desse mesmo nacionalismo, países como Alemanha e Itália. As idéias nacionalistas atingiram também pensadores judeus como Theodor Herzl, que passaram a pregar a idéia de um “lar nacional judaico”.

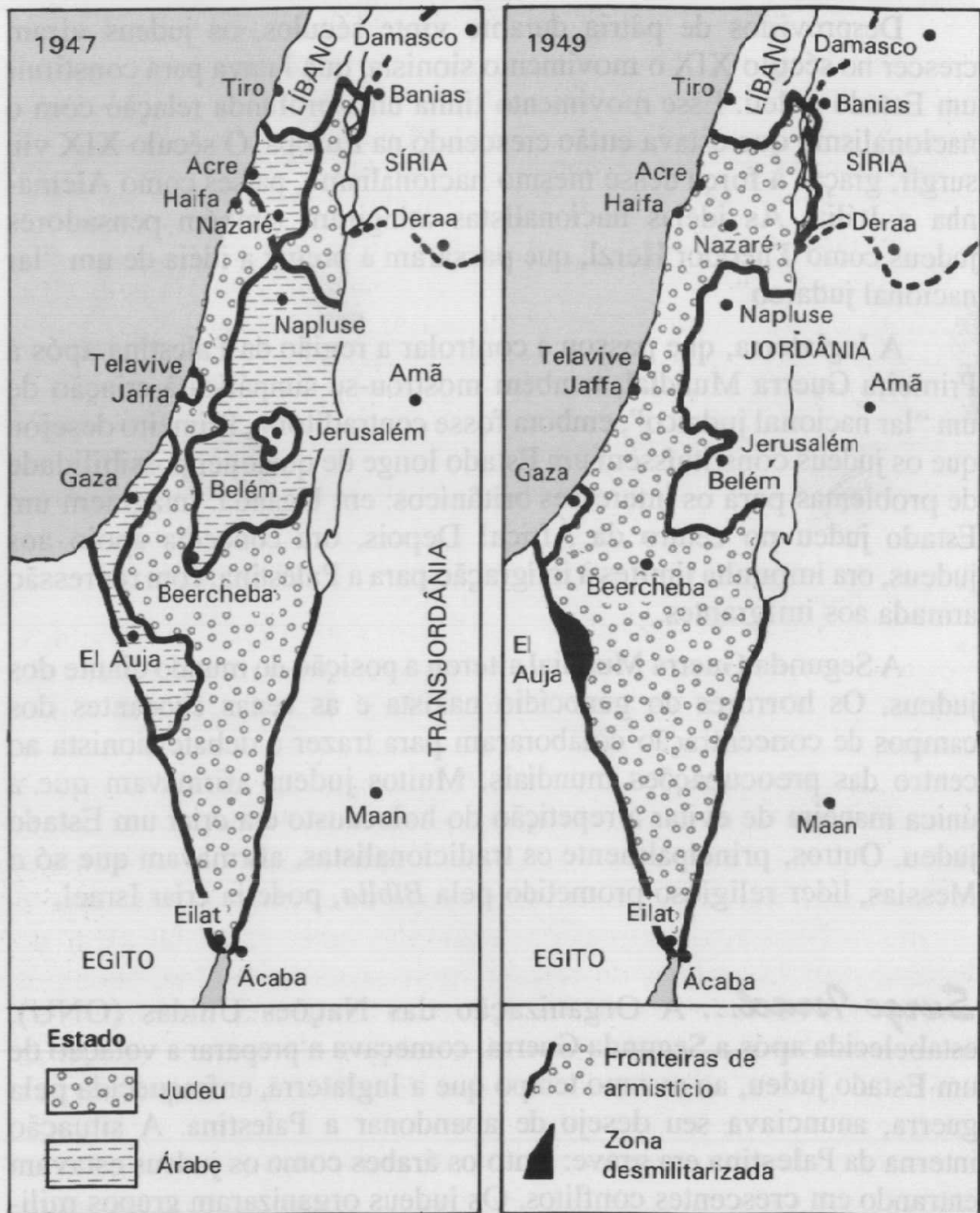
A Inglaterra, que passou a controlar a região da Palestina após a Primeira Guerra Mundial, também mostrou-se simpática à criação de um “lar nacional judaico”, embora fosse contraditória. Primeiro desejou que os judeus constituíssem um Estado longe de qualquer possibilidade de problemas para os interesses britânicos: em Uganda. Imaginem um Estado judeu no centro da África! Depois, ora concedia apoio aos judeus, ora impunha limites à imigração para a Palestina, com repressão armada aos imigrantes.

A Segunda Guerra Mundial alterou a posição do mundo diante dos judeus. Os horrores do genocídio nazista e as cenas chocantes dos campos de concentração colaboraram para trazer o debate sionista ao centro das preocupações mundiais. Muitos judeus afirmavam que a única maneira de evitar a repetição do holocausto era criar um Estado judeu. Outros, principalmente os tradicionalistas, afirmavam que só o Messias, líder religioso prometido pela *Bíblia*, poderia criar Israel.

Surge Israel... A Organização das Nações Unidas (ONU), estabelecida após a Segunda Guerra, começava a preparar a votação de um Estado judeu, ao mesmo tempo que a Inglaterra, enfraquecida pela guerra, anunciava seu desejo de abandonar a Palestina. A situação interna da Palestina era grave: tanto os árabes como os judeus estavam entrando em crescentes conflitos. Os judeus organizaram grupos militares como o Irgun com o objetivo de enfrentar os árabes e britânicos na Palestina.

A partilha da Palestina

Em 1947, a ONU fazia uma partilha do território da Palestina, dividindo-o entre árabes e judeus e tornando Jerusalém uma cidade



A partilha da Palestina segundo a ONU (à esquerda) e após a guerra da independência de Israel (à direita).

internacional. Em 14 de maio de 1948, tomando a frente dos acontecimentos, David Ben Gurión proclamava o Estado de Israel no Museu Tel-Aviv. Os países árabes vizinhos organizaram imediatamente uma guerra. Começava a primeira guerra oficial entre árabes e israelenses.

A velha Jerusalém, três vezes santa, foi um palco privilegiado das contradições dessa guerra. Os dois lados praticavam uma luta quase corpo a corpo nas ruas estreitas da cidade. O Bairro Judeu foi tomado pela Liga Árabe e várias sinagogas foram incendiadas. Os soldados israelenses disparavam contra as lojas árabes, matando civis. Após muitos combates, a colina de Kastel foi dominada pelos israelenses, favorecendo o domínio da cidade de Jerusalém.

Após várias tréguas e retomadas de combate, a vitória israelense estava assegurada. Em 1949, os países árabes pediam a paz. Israel crescera muito além do que a ONU tinha estipulado, ocupando, inclusive, metade da cidade de Jerusalém. O Estado árabe da Palestina era um sonho que a guerra destruíra.

O apoio dos EUA

A guerra da independência de Israel, como todas as seguintes, leva-nos a perguntar sobre os motivos da vitória. Como é que um Estado pequeno como Israel, recém-formado, enfrentou e venceu tantas vezes alianças tão fortes?

Uma das respostas é a falta de unidade na aliança árabe. A existência de um inimigo comum, Israel, não significou uma estratégia unificada para os países árabes. As disputas internas entre os inimigos de Israel sempre foram notáveis. A pregação da unidade árabe feita pelo presidente Nasser, do Egito, por exemplo, raras vezes foi além do discurso. Embora não se deva tecer conjeturas em História, podemos afirmar que se todos os países árabes enfrentassem conjuntamente Israel, com tática unificada, auxiliados pela população árabe dentro do Estado de Israel, dificilmente o novo Estado judeu teria resistido. Felizmente para Israel isso nunca ocorreu.

Outro elemento importante é o apoio externo. Apesar das ambigüidades e do jogo duplo, os EUA favoreceram a manutenção do Estado de Israel. E aqui devemos levar em conta o *lobby* judeu norte-americano. Um *lobby* é um grupo de pessoas que faz pressão junto a quem tem poder

para conseguir alguma coisa. A grande população de origem judia nos EUA fez surgir um poderoso *lobby* dentro dos Estados Unidos. Conseqüentemente, qualquer presidente norte-americano que quisesse os numerosos votos dos judeus, deveria incluir em seu discurso planos de apoio ao Estado de Israel.

A Lei do Retorno

Com a vitória, Israel continuou a organizar o novo Estado, tendo como modelo político as democracias ocidentais, com vários partidos e eleições regulares. O Parlamento de Israel, o Knesset, foi estabelecido em Tel-Aviv e, mais tarde, em Jerusalém. O primeiro grande líder de Israel foi David Ben Gurión, que havia lido o documento de independência no dia 14 de maio de 1948.

Em 1950, o Knesset aprovava, por unanimidade, a grande Lei do Retorno. A lei estabelecia como cidadão de Israel todo judeu, e como judeu todo filho de mãe judia ou quem fosse convertido ao judaísmo. Essa lei e os conseqüentes movimentos de imigração para Israel colaboraram para fazer a população judia saltar, em pouco mais de vinte anos, de 650 mil para três milhões de habitantes. Formava-se uma pressão populacional que estimulava ainda mais a manutenção de áreas anteriormente conquistadas dos árabes.

Os judeus que chegavam de todo o mundo a Israel falavam várias línguas. Para reafirmar o caráter histórico do Estado de Israel e manter sua unidade, difundiu-se o uso do hebraico, que praticamente desaparecera como língua materna por dois mil anos.

Cooperativas comunitárias

Outro elemento importante na formação de Israel foi a criação de cooperativas de modelo comunitário: os *kibbutz*.

Essa experiência floresceu inspirada em modelos socialistas de produção, conseguindo verdadeiros milagres no deserto. Áreas tradicionalmente estéreis como o Negev passaram a exportar frutas para a Europa, graças a uma engenhosa rede de irrigação. Além dos *kibbutz* agrícolas, há outros que industrializam produtos como aparelhos de depilação feminina, canos para irrigação, etc.

Porém, os *kibbutzin* (habitantes do *kibbutz*) estão hoje em constante diminuição numérica e poucos *kibbutz* prosperam de fato. Quais as causas? As novas gerações são atraídas para outros empregos e essas “ilhas de cooperação” enfrentam uma concorrência desigual dentro da realidade capitalista de Israel, e essa, que é das mais originais experiências de produção já realizadas, está, infelizmente, com seus dias contados.

Questões políticas

Em 1975 a ONU aprovou uma polêmica Resolução sobre Israel, ao declarar que “sionismo é uma forma de racismo”. Os argumentos da ONU baseavam-se na discriminação israelense sobre os povos não judeus, como os palestinos. Assim, a ONU ampliou o conceito de racismo, não mais se referindo à idéia de “raça”, mas incluindo cultura.

Para Israel, essa resolução da ONU sempre pareceu um absurdo. Os judeus foram vítimas de racismo ao longo de séculos de história, não podiam ver-se como promotores do mesmo mal que sofreram. Aos olhos israelenses, esse parecer ainda fica mais fraco quando lembram o acolhimento aos judeus negros da África. Os judeus negros chegaram em massa no ano de 1991, através de uma operação militar chamada “Salomão”, fugidos da guerra civil que ameaçava a Etiópia. Em Israel, estão sendo integrados no mercado de trabalho e assentados em áreas como a da Cisjordânia.

Além das guerras usuais, o Estado de Israel vive um clima permanente de tensão diante dos atentados terroristas. Os atentados freqüentes contra elementos civis e militares levam a uma “militarização” de certos aspectos da vida israelense. Quem já pegou um avião de companhia israelense sabe o que significa isso. O cuidado da revista não tem paralelos e, quem não está acostumado, sente-se visivelmente constrangido.

A luta contra o terrorismo já apresentou grandes derrotas, como o dramático assassinato de atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique, em 1972. A postura de Israel tem sido a de não negociar com os autores de seqüestros, mesmo arriscando a vida dos reféns, como na invasão da escola de Maalot, em 1974. Em outras ocasiões Israel usa a tradicional tática do contra-ataque fulminante, como o resgate dos

reféns de um vôo da Air France. O avião fora dominado por terroristas alemães e palestinos em 1976 e desviado para Uganda. Ao invés de negociar os termos dos seqüestradores, Israel enviou uma força de elite para invadir o avião e libertar os reféns.

A simples existência e manutenção do Estado de Israel em meio a tantas adversidades já é um fato notável. Como o Japão e alguns outros países, os israelenses têm demonstrado a possibilidade do trabalho humano diante das adversidades naturais e históricas.

Para encerrar este capítulo, gostaríamos de voltar ao título: “Sob o signo de Armagedon”. Crescido e formado com a guerra, mesmo em momentos de paz, Israel viveu sob a pressão das armas. Ao mesmo tempo que foi condição indispensável para que Israel existisse no Oriente Médio, o militarismo provoca problemas que vão da inflação a acusações de agressão a outros países. Independentemente de qualquer posição política, é impossível deixar de concordar com a frase com que Paul Johnson abre seu estudo: “O povo judeu é o mais tenaz da história”.

7

Os conflitos árabe-israelenses



Já vimos que o primeiro grande conflito árabe-israelense surgiu exatamente da criação do Estado de Israel, em 1948. Muitos outros se seguiriam, ensanguentando o Oriente Médio até hoje.

A Guerra de Suez Você certamente já estudou o Egito. A região sobre a qual as pirâmides lançam sombra foi sempre um elemento fundamental na passagem de povos da Ásia para a África. Ali, no século XIX, o francês Ferdinand Lesseps construiu uma das grandes obras da engenharia humana: o canal de Suez. A importância do canal é enorme, pois liga o mar Mediterrâneo ao mar Vermelho, encurtando muito o caminho entre a Europa e a Ásia.

Entre 1954 e 1970, o Egito foi governado por Gamal Abdel Nasser, passando por grandes mudanças. Nascido em 15 de janeiro de 1918, Nasser destacou-se como militar na guerra contra Israel em 1948. A partir daí, passou a integrar um movimento contra o corrupto governo do rei Farouk do Egito. Após algumas lutas internas do movimento, acabou assumindo o poder total e iniciou um profundo programa de mudanças no Egito.

Que mudanças foram essas? Nasser realizou uma reforma agrária que limitou o tamanho das propriedades rurais e redistribuiu terras confiscadas. Além disso, a construção da imensa represa de Assuã e o incentivo à indústria pesada mudavam a face econômica do país.

Baseado no seu imenso prestígio, Nasser passou a tentar assumir uma liderança dentro do mundo árabe. Participou do movimento dos “não-alinhados”, países que recusavam a interferência das potências e procurou unir os países árabes em torno de ideais comuns (pan-arabismo).

Uma das medidas mais espetaculares de Nasser foi a nacionalização do canal de Suez. Nacionalizar é tomar posse em nome do país, pagando ou não uma indenização aos seus donos estrangeiros. Em 26 de julho de 1956, Nasser anunciava que o canal de Suez, agora, estava sob controle do governo egípcio. Ligando o mar Vermelho ao Mediterrâneo, grande parte do comércio mundial passa por suas águas: dominar o canal representa um poder enorme.

Quem se incomodou com a nacionalização? Em primeiro lugar, as antigas potências imperialistas, França e Inglaterra, que não viam com bons olhos as iniciativas do Terceiro Mundo. Outro incomodado foi

Israel, já que uma vitória total egípcia poderia “estrangular” o porto israelense de Eilat, no golfo de Acaba. Surpreendentemente, Israel aliou-se às antigas potências coloniais e disparou um ataque fulminante ao Egito em outubro de 1956, no mesmo mês em que aviões anglo-franceses bombardeavam zonas do canal e a capital egípcia.

Os EUA permaneceram numa posição duvidosa durante o conflito, nem atacando nem defendendo abertamente a intervenção em Suez. A ex-URSS, porém, fez uma pesada campanha diplomática contra a invasão do canal. Graças a essas pressões soviéticas, os americanos forçaram a retirada das tropas francesas, israelenses e inglesas.

A guerra deixou claro o poder das superpotências. Segundo Isaac Akcelrud, as tropas israelenses de Moshe Dayan foram “enxotadas pelo telefone”. Em outras palavras, a pressão diplomática dos EUA e da ex-URSS era um valor mais forte do que os interesses colonialistas decadentes da Inglaterra e da França ou dos interesses estratégicos de Israel.

Terminada a guerra, Nasser ganhou o direito de manter o canal sob controle egípcio, aumentando ainda mais o seu prestígio. Permaneciam, é claro, as tensões entre Israel e os árabes.

A Guerra dos Seis Dias Os quase dez anos entre a crise de Suez e a Guerra dos Seis Dias não foram dias de paz. Os momentos de guerra no Oriente Médio são aqueles em que a tensão flui com mais força. Todavia, ela é constante. No caso específico dos anos 60, a violência aumentava com os ataques de organizações guerrilheiras palestinas sobre alvos israelenses e os contra-ataques de Israel.

Outro elemento importante desse quadro de tensões foi o incentivo soviético às forças armadas sírias e egípcias, que procuravam contrabalançar o apoio norte-americano a Israel.

Após uma longa intervenção, a ONU retirava, em 1967, as tropas da força de paz da região, eliminando um tampão entre Egito e Israel. A unidade árabe começou a fortalecer-se e o rei da Jordânia visitava Nasser no Egito. Israel e o mundo sentiam que as forças contrárias ao Estado judeu se fechavam.

Entre esperar um ataque devastador e tomar a iniciativa, Israel optou pela segunda idéia. O primeiro-ministro Eshkol chamou o general Moshe Dayan para comandar.

A guerra começava na madrugada de 5 de junho de 1967 com um ataque relâmpago de Israel em várias direções. A excelente força aérea israelense, uma das mais bem treinadas do mundo, despejava toneladas de explosivos nos aeroportos da Síria, Jordânia e Egito, paralisando o contra-ataque árabe.



O general Moshe Dayan e Golda Meir às margens do canal de Suez, em 1967, após um ataque relâmpago de Israel.

Robert J. Donovan, um repórter americano, descreveu a rapidez desse ataque: “Na grande base de Abu Suweir, os pilotos egípcios de Mig tomavam café quando os jatos israelenses, em alta velocidade, explodiram os caças alinhados na pista. O radar de exploração egípcio nem estava funcionando. Alguns disseram que tinha quebrado, outros, que simplesmente não tinha sido ligado naquele dia.”

Anexação de territórios árabes

Em seis dias a guerra estava ganha. A tática relâmpago havia atingido inteiramente seus objetivos, surpreendendo até os militares israelenses. Como condição de cessar-fogo, além de algumas conquistas territoriais, os judeus exigiam o reconhecimento de seus direitos à existência na região.

Israel conseguiu ampliar seu território, incorporando o Sinai, a Cisjordânia, o setor oriental de Jerusalém, a faixa de Gaza e as colinas de Golan. O mundo admirava-se com essa *Blitzkrieg* (guerra relâmpago) e os árabes retiravam-se aguardando uma nova oportunidade.

Os derrotados enfrentaram graves problemas. A dívida aumentou bastante. O canal de Suez ficou fechado algum tempo, impedindo o Egito de receber uma de suas grandes fontes de receita. A fome foi constante no Egito, na Jordânia e na Síria.

Mesmo para os vencedores os problemas eram grandes. Incorporar a faixa de Gaza representou a inclusão de 300 mil árabes que não desejavam, de forma alguma, fazer parte de Israel. Também os outros territórios pululavam de habitantes hostis à incorporação.

A guerra tornara evidente um dado já conhecido: a participação direta da ex-URSS no apoio ao Egito e à Síria. Militares soviéticos participaram dos conflitos ao lado dos exércitos árabes. Após a guerra, a reconstrução do exército da Síria, em particular, foi amparada pela política de Moscou. A pressão soviética também pode ajudar a explicar a decisão da conferência árabe em Khartoum, que estabeleceu os “três não’s”: não negociar com Israel, não reconhecer Israel e não firmar a paz com Israel. A guerra terminara, mas a paz não fora atingida.

A Guerra do

Yom Kippur Os territórios conquistados na Guerra dos Seis Dias revelaram-se um problema. A ONU pressionava a devolução deles e a imprensa mundial não cessava de usar palavras como “imperialismo” para caracterizar o domínio israelense sobre áreas como a do Sinai.

Recuperados da derrota dos seis dias, Egito e Síria lançaram um ataque surpresa contra Israel durante o feriado religioso do Yom Kippur (Dia do Perdão), em 6 de outubro de 1973. Num primeiro momento, o ataque revelou-se vitorioso. A Síria ocupava as colinas de Golan e o Egito entrava no Sinai. Pela primeira vez os judeus estavam próximos de uma derrota.

Entretanto, o auxílio dos EUA não tardou a chegar. A rapidez e a estratégia do exército israelense, abastecido pelos recursos norte-americanos, furaram a linha do exército egípcio e isolaram unidades militares na região do canal. Ao mesmo tempo, um ataque israelense expulsava

os sírios das colinas de Golan. Recuperada a vantagem, os judeus preparavam-se para eliminar o exército inimigo. Nesse momento, mais uma vez, as superpotências mostraram sua força. A política ambígua norte-americana, que apoiara Israel, não queria ver eliminados o Egito e a Síria. A ex-URSS também protestou contra um avanço israelense. Em 25 de outubro de 1973, os combates foram interrompidos.

Israel incorporou as colinas de Golan e a faixa de Gaza a seu território. Surpreendentemente, a península do Sinai, a maior conquista territorial israelense, acabou sendo devolvida ao Egito. Por quê?

Após a morte de Nasser no Egito, seu substituto, Anuar Sadat, incentivou uma política de aproximação com os EUA, o que isolou o Egito dentro do mundo árabe. A política externa norte-americana, nesse momento, procurava evitar situações de conflito, política estimulada pelo presidente democrata Jimmy Carter, e Israel vivia as dificuldades de seu isolamento no Oriente Médio, com as pressões insuportáveis dos gastos militares. Os interesses se encontraram nos EUA, em 1979, nos chamados acordos de Camp David.

Sentados à mesma mesa de negociações, Israel e Egito chegaram a acordos inéditos para a situação do Oriente Médio. Israel concordou em devolver o Sinai — mas não Gaza —, diminuindo enormemente a pressão sobre uma parte de suas fronteiras. O Egito, em função dessa aproximação, foi isolado no mundo árabe e acusado de traição. O presidente Carter obtinha uma de suas raras vitórias na política externa. Os acordos de Camp David, apesar de todas as suas limitações, mostraram a possibilidade da negociação entre os tradicionais inimigos.

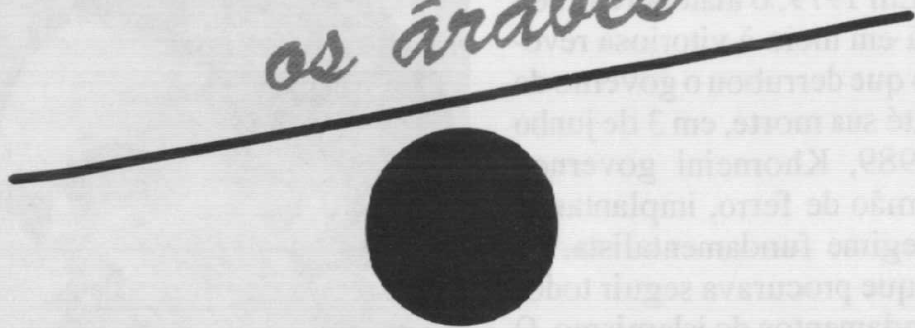
A guerra árabe-israelense. A existência de atitudes internas entre os árabes é um argumento para que alguns autores afirmem ser política, e não religiosa, a causa dos conflitos no Oriente Médio. A situação do Oriente é muito mais complexa do que se imagina, inclusive as políticas e religiosas. Certamente a religião não explica nada no Oriente Médio, bem como a política. É preciso estar atento à variedade de fatores que levam às guerras, fatores que vão do subsolo (petróleo) ao céu (religião).

8

O Irãque é um exemplo disso. É um país de maioria xiita com um governo sunnita. Para evitar a situação, apresenta um importante grupo sunita (que vive nos desertos do Irã). O governo iraquiano não podia ver com bons olhos o progresso da revolução xiita no vizinho Irã.

Em 1979, os xiitas do Irã derrubaram o regime moderado de Reza Pahlavi, tradicional aliado dos EUA. A partir de então, o Irã tornou-se um dos mais radicais países dentro do mundo muçulmano, liderado pelo aiatolá (líder religioso; a palavra significa "espelho de Deus") Ruhollah Khomeini.

Os atritos entre os árabes



Khomeini no Irã (1900) e viveu no exílio, devido à perseguição nos Pahlavi. governantes nos Irã em 1979, o aiatolá Khomeini que derrubou o governo de Reza Pahlavi. Até sua morte, em 3 de junho de 1989, Khomeini governou com mão de ferro, implantando um regime fundamentalista, que procurava seguir os ensinamentos do islamismo. O aiatolá recebeu um pouco de sua imensa popularidade: milhões de pessoas saíram às ruas em maior manifestação popular diante de um aiatolá registrado na história.

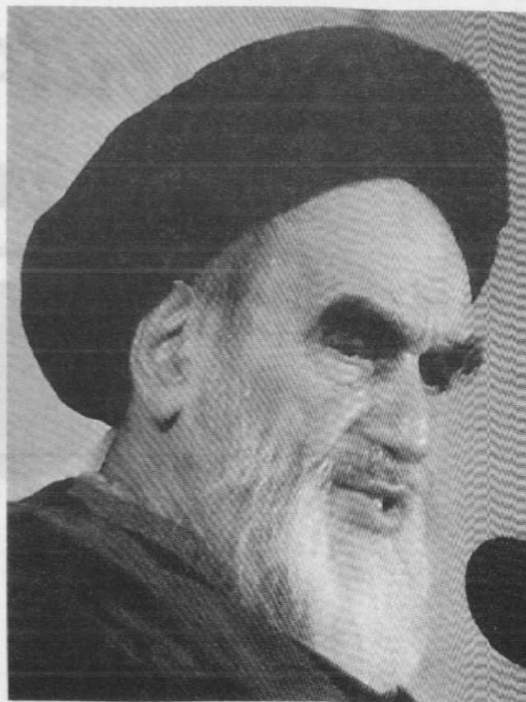
A figura mostra o aiatolá Khomeini.

A Guerra Irã-Iraque A existência de atritos internos entre os árabes é um argumento para que alguns autores afirmem ser política, e não religiosa, a causa dos choques no Oriente Médio. A tradição do Oriente é juntar todas as formas de ver o mundo, inclusive as políticas e religiosas. Certamente a religião sozinha não explica nada no Oriente Médio, bem como a política. É preciso estar atento à variedade de fatores que levam às guerras, fatores que vão do subsolo (petróleo) ao céu (religião).

O Iraque é um exemplo disso. É um país de maioria xiita com um governo sunita. Para piorar a situação, apresenta um importante grupo curdo (que veremos no capítulo seguinte). O governo iraquiano não podia ver com bons olhos o progresso da revolução xiita no vizinho Irã.

Em 1979, os xiitas do Irã derrubaram o regime modernizante do xá Reza Pahlevi, tradicional aliado dos EUA. A partir de então, o Irã tornou-se um dos mais radicais países dentro do mundo muçulmano, liderado pelo aiatolá (líder religioso; a palavra significa “espelho de Deus”) Ruhollah Khomeini.

Khomeini nasceu no Irã (± 1900) e viveu bastante tempo no exílio, devido à perseguição aos Pahlevi, governantes iranianos. Em 1979, o aiatolá retornou ao Irã em meio à vitoriosa revolução que derrubou o governo do xá. Até sua morte, em 3 de junho de 1989, Khomeini governou com mão de ferro, implantando um regime fundamentalista, ou seja, que procurava seguir todos os fundamentos do islamismo. O enterro do aiatolá revelou um pouco de sua imensa popularidade: milhões de pessoas apertaram-se na maior manifestação popular diante de um enterro já registrada na história.



A figura sinistra do aiatolá Khomeini.

A vitória do movimento xiita no Irã surpreendeu o mundo e o governo norte-americano. Os relatórios da CIA, a Central de Inteligência norte-americana, mostravam que o exército superarmado do xá e o apoio norte-americano tornavam impossíveis a queda de Pahlevi. Mais uma vez, o Ocidente demonstrou que não conhece de fato a força da religião no Oriente Médio. Os fiéis xiitas e os aiatolás foram mais fortes do que o regime militar de Reza Pahlevi.

Não foram apenas os EUA que ficaram incomodados com a derrota. A voz dos aiatolás xiitas do Irã começou a ser ouvida no Iraque e fez renascer o fantasma de uma rebelião. Além disso, Irã e Iraque tinham antigos problemas de fronteira: a saída para o golfo Pérsico, o estreito canal do Chat al-Arab, que estava dividido ao meio entre os dois países.

O Iraque esperava uma guerra rápida como solução para várias questões. As guerras sempre servem para desviar as atenções do plano interno para o externo. O Irã estava isolado internacionalmente. Para o governo de Teerã, a ex-URSS e os EUA eram igualmente maus. O Iraque contava com um moderno exército equipado pela ex-URSS. Outros países muçulmanos como o Kuwait e a Arábia Saudita também lhe davam apoio financeiro, na esperança de enfraquecer o agressivo vizinho. Tudo parecia indicar uma guerra rápida e vantajosa contra o Irã, que, como vantagem, contava apenas com uma população bem superior.

Em setembro de 1980, o Iraque atacava violentamente a fronteira do Irã e, contando com o elemento surpresa, avançou no território iraniano. Após uma série de vitórias, a guerra chegava a um impasse. A superioridade iraquiana foi detida pelo entusiasmo iraniano. O conceito de guerra santa foi desenvolvido vivamente pelo Irã. Em 1984-85 parecia até que o regime de Teerã estava próximo da vitória. A guerra prosseguia porém numa carnificina terrível, com bombardeios de alvos civis e uso de armas químicas.

O conflito começou a preocupar de fato as superpotências no momento em que atingiu o fluxo regular de petróleo. Irã e Iraque passaram a afundar navios e instalações petrolíferas, prejudicando grandes fornecedores como o Kuwait. A partir disso, aumentaram as pressões mundiais pela paz. Em 1988, Irã e Iraque assinavam um cessar-fogo. Os números são controvertidos, mas calcula-se em um milhão de mortos o preço dessa aventura.

A Guerra do Golfo O plano de Saddam Hussein de desviar as atenções para guerras externas não havia funcionado com o Irã. Para prosseguir sobre a Guerra do Golfo, é necessário que nos detenhamos sobre dois fatos importantes: Saddam Hussein e Kuwait.

Saddam Hussein nasceu numa família pobre em Al-Auja, em 28 de abril de 1937. Não conheceu seu pai e foi criado por um padrasto de quem não guardou boas recordações. Como era comum às pessoas de sua classe social, estudou apenas alguns anos. Ainda jovem, juntou-se ao grupo político Baath, de posição nacionalista. A palavra *baath* significa “renascimento” em árabe e a proposta central do pequeno partido era fazer renascer a força muçulmana.

As atividades políticas de Saddam levaram-no a fugir para o Egito, de onde voltaria em 1963, pois um golpe com a participação do Baath havia tomado o poder no Iraque. O novo posto de Saddam era estranho: tornou-se torturador.

A partir disso, Saddam passou a crescer rapidamente na estrutura de poder iraquiana. Sua ascensão, como costuma acontecer nos regimes autoritários, foi acompanhada de enriquecimento pessoal e colocação de parentes em postos importantes. Em 1979, no mesmo ano em que o Irã instalava o regime dos aiatolás, Saddam Hussein adquiria o poder total no Iraque.

Exerceu violenta repressão contra seus inimigos políticos, líderes xiitas e minorias como os curdos. A polícia secreta iraquiana, treinada pela polícia secreta da ex-Alemanha Oriental, ajudava a espalhar o terror entre os adversários reais e imaginários do regime.

Como já vimos, por motivos internos e externos, o Iraque iniciou uma guerra contra o Irã. Porém, ao invés de retomar o crescimento, afundou em problemas no pós-guerra. Além da dívida e da inflação, a massa de soldados desmobilizada engrossava o grupo dos desempregados e descontentes com o regime. Era necessária uma nova atitude.

Kuwait

Em 1990, foram freqüentes as acusações contra um novo personagem que entrava em cena: o Kuwait. País minúsculo (17 818 km²), quase inteiramente desértico, repousa toda a sua vida sobre o petróleo.

A abundância do “ouro negro” deu-lhe uma situação privilegiada, com uma altíssima renda *per capita*. Assim, mesmo não sendo uma democracia, a população kuwaitiana dificilmente faz protestos contra o poder da família Sabah, que governa o país há séculos. Independente só em 1961, o Kuwait foi tradicional aliado de britânicos e americanos.

O dinheiro abundante do pequeno país exerce um duplo fascínio no mundo muçulmano. O primeiro é como atrativo: mais da metade de sua população nasceu em outros lugares, destacando-se a grande colônia palestina. O efeito oposto também é notável: o Kuwait é apontado pelos críticos de outros países muçulmanos como ocidentalizado, corrompido e pouco fiel às normas do *Corão*. Há na crítica um outro elemento: um país rico, corrompido, que não dispõe de defesas fortes. Logo, é de fácil conquista. Não é necessário desenvolver muito a idéia para notar o atrativo que passou a exercer sobre o Iraque de Saddam Hussein. O regime de Bagdá necessitava de uma válvula de escape para os problemas internos: o Kuwait parecia ter nascido para tal propósito.

Em 1990, começaram vários ataques da imprensa de Bagdá contra o pequeno país. Parecia mais uma das intermináveis tensões do Oriente Médio. O próprio embaixador kuwaitiano nos Estados Unidos acalmava o governo americano, que alertava sobre a concentração de tropas iraquianas na fronteira. Em 2 de agosto de 1990, o mundo estarrecido via a notícia da rápida invasão iraquiana de 100 mil soldados no Kuwait.

A família real conseguiu fugir na sua quase totalidade. Apenas a força aérea kuwaitiana demonstrou alguma resistência durante a ocupação. A desproporção era demasiada: para cada soldado do Kuwait havia 26 soldados iraquianos mais bem armados. Não chegou a ser uma guerra, foi mais uma manobra militar, tal era a força do corpo de elite iraquiano.

O Kuwait foi incorporado pelo Iraque como a 19ª província do país. A primeira reação concreta veio da ONU, que promoveu um embargo econômico contra o Iraque. Isso significava que os países não podiam mais comprar do Iraque ou vender a ele. Entretanto, poucos tinham esperança de que o embargo seria suficiente para retirar as tropas iraquianas. Foi estabelecido pela ONU um prazo até 15 de janeiro de 1991 para a retirada das tropas que ocupavam o Kuwait. Mas, por trás dos bastidores, os EUA já preparavam um contra-ataque.

O período entre a invasão do Kuwait e o prazo final da ONU foi

de uma grande movimentação militar. As tropas da ONU, constituídas por vários países — mas basicamente norte-americanas —, começavam a chegar aos países vizinhos como a Turquia e a Arábia Saudita. Enquanto isso, o Iraque tentava tornar a invasão do Kuwait uma guerra contra o Ocidente e contra Israel.

De fato, até o início da guerra, havia uma verdadeira mitificação em torno de Saddam Hussein e das forças iraquianas, por força do temor de um ataque atômico. Em 1981, Israel havia bombardeado um reator iraquiano para impedir o desenvolvimento de armas nucleares no território inimigo. Além disso, havia o medo de armas biológicas e a certeza de que o Iraque usaria armas químicas contra as tropas da ONU, pois já o fizera contra o Irã e contra os rebeldes curdos. As tropas que iam para o Oriente Médio preparavam-se para essas hipóteses terríveis com treinamentos específicos contra gases tóxicos e guerras biológicas.

Uma tática iraquiana chocou o mundo: quando da invasão do Kuwait, ocidentais foram detidos e transformados em “escudos humanos”. O Iraque colocou homens, mulheres e crianças ao redor de instalações vitais para impedir ataques. A fim de explorar ainda mais o impacto psicológico do ato, Saddam deixou-se filmar rodeado de crianças européias, passando a mão em suas cabeças e demonstrando gestos de carinho com elas.

Iraque bombardeado

O ditador iraquiano cometeu dois erros básicos: ele não esperava tal reação do Ocidente diante da invasão e contava com um maciço apoio árabe na guerra. Saddam Hussein não levou em conta que o mundo vivia uma situação pós-Guerra Fria. Em outras palavras, os EUA estavam livres para agir na área sem a pressão soviética, envolvida em crises. Os atritos internos dos árabes foram mais fortes do que o ódio a Israel ou o antiocidentalismo. Mesmo tradicionais inimigos do Ocidente, como a Síria, não deram a Saddam os recursos de que ele necessitava para enfrentar a grande aliança militar que se concentrava na Arábia Saudita.

A 16 de janeiro de 1991, um dia após o término do prazo legal dado pela ONU, iniciava-se o bombardeio ao Iraque. Através das reportagens da CNN, rede de televisão norte-americana, pela primeira vez na história o resto do globo podia acompanhar quase ao mesmo tempo o início de

um conflito bélico. A televisão foi um fator original da Guerra do Golfo. Os ataques eram filmados, as vítimas entrevistadas e o próprio Saddam dava depoimentos a repórteres. A guerra invadia Bagdá e os lares do mundo inteiro.

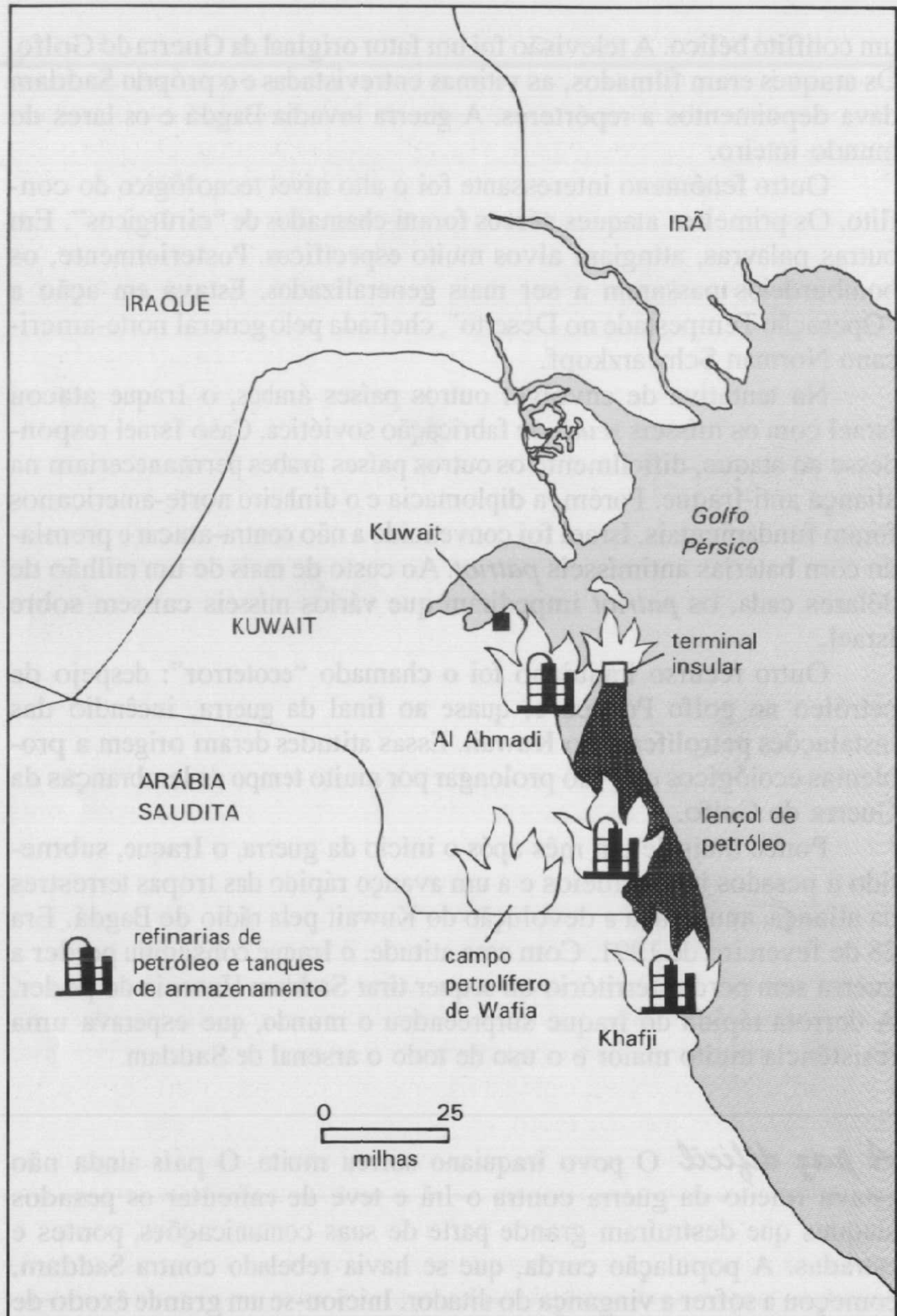
Outro fenômeno interessante foi o alto nível tecnológico do conflito. Os primeiros ataques aéreos foram chamados de “cirúrgicos”. Em outras palavras, atingiam alvos muito específicos. Posteriormente, os bombardeios passaram a ser mais generalizados. Estava em ação a “Operação Tempestade no Deserto”, chefiada pelo general norte-americano Norman Schwarzkopf.

Na tentativa de envolver outros países árabes, o Iraque atacou Israel com os mísseis *scud*, de fabricação soviética. Caso Israel respondesse ao ataque, dificilmente os outros países árabes permaneceriam na aliança anti-Iraque. Porém, a diplomacia e o dinheiro norte-americanos foram fundamentais. Israel foi convencido a não contra-atacar e premiado com baterias antimísseis *patriot*. Ao custo de mais de um milhão de dólares cada, os *patriot* impediram que vários mísseis caíssem sobre Israel.

Outro recurso iraquiano foi o chamado “ecoterror”: despejo de petróleo no golfo Pérsico e, quase ao final da guerra, incêndio das instalações petrolíferas do Kuwait. Essas atitudes deram origem a problemas ecológicos que vão prolongar por muito tempo as lembranças da Guerra do Golfo.

Pouco mais de um mês após o início da guerra, o Iraque, submetido a pesados bombardeios e a um avanço rápido das tropas terrestres da aliança, anunciava a devolução do Kuwait pela rádio de Bagdá. Era 28 de fevereiro de 1991. Com essa atitude, o Iraque conseguiu perder a guerra sem perder território ou sequer tirar Saddam Hussein do poder. A derrota rápida do Iraque surpreendeu o mundo, que esperava uma resistência muito maior e o uso de todo o arsenal de Saddam.

A paz difícil O povo iraquiano sofreu muito. O país ainda não estava refeito da guerra contra o Irã e teve de enfrentar os pesados ataques que destruíram grande parte de suas comunicações, pontes e estradas. A população curda, que se havia rebelado contra Saddam, começou a sofrer a vingança do ditador. Iniciou-se um grande êxodo de curdos rumo ao Irã e à Turquia.



O ecoterror: incêndios no Kuwait ocupado.

Politicamente, mesmo tendo permanecido no poder, Saddam Hussein foi o primeiro perdedor. A força do exército iraquiano, tão elogiada e temida antes, era agora uma fantasia. Outro grande derrotado foi o líder da Organização para a Libertação da Palestina. Durante anos, Yasser Arafat havia lutado para dar credibilidade política à OLP. Lentamente, os países foram aceitando a organização como porta-voz dos direitos palestinos. No início da Guerra do Golfo, Arafat apressou-se em fornecer apoio ao Iraque. Com a derrota, a OLP ficou extremamente desgastada.

Um terceiro elemento a perder o prestígio foi o rei Hussein, da Jordânia. Durante a guerra ele desempenhou um papel de discreto apoio ao Iraque. Sem enfrentar abertamente as resoluções da ONU, a Jordânia permitia o escoamento de produtos para o país vizinho. Por fim, o próprio emir do Kuwait foi considerado inicialmente um perdedor. O mundo tinha certeza de que, após a invasão, ele seria obrigado a realizar reformas democráticas em seu país. Porém, até o momento, as reformas não aconteceram de fato.

“Polícia do mundo”

Os ganhadores foram muitos. Os Estados Unidos assumiram francamente seu papel de única potência mundial e “polícia do mundo”. O sucesso da “Operação Tempestade no Deserto” conferiu ao presidente George Bush um grande prestígio interno e externo, dando-lhe condições de disputar a reeleição no futuro.

O presidente do Egito, Hosni Mubarak, graças ao decidido apoio que deu aos EUA, ganhou prestígio e força. Igualmente a Síria, tradicional inimiga do Ocidente, saiu vitoriosa do conflito. O Irã, que assumiu uma posição moderada e ainda viu seu arquiinimigo, o Iraque, derrotado, foi outro beneficiado pela guerra. Por fim, também as grandes companhias de petróleo ocidentais, que viram o preço do ouro negro disparar, bem como seu lucro.

A situação do regime iraquiano ainda é indefinida. Uma comissão da ONU entrou no país, que, apesar dos protestos, não teve forças para impedir. A comissão encontrou provas de que o Iraque estava desenvolvendo rapidamente seu programa nuclear, que havia sido proibido pela ONU. O Iraque acusou os EUA de terem colocado espões na comissão da ONU. Os EUA ameaçam invadir novamente o Iraque. O tempo que

Saddam Hussein ainda permanecerá como presidente dependerá, exclusivamente, da habilidade do líder iraquiano em “driblar” as pressões dos EUA e da ONU.

Vale ressaltar um último ponto: as notícias sobre as crueldades de Saddam Hussein e da guerra têm como origem as agências de notícias situadas em países que viam Saddam como um inimigo. É óbvio que houve um regime de terror no Iraque, mas ele não é muito diferente dos regimes ditatoriais da América Latina, os quais tiveram, muitas vezes, o apoio dos EUA.

A invasão do Kuwait não é tão distante da invasão de Granada pelos EUA e de outras do passado. Quando o Iraque estava vencendo o Irã, o dinheiro norte-americano entrou generosamente em Bagdá, sem preocupações com os direitos humanos no país de Saddam. Entretanto, como os planos de Saddam não coincidem mais com os dos norte-americanos, seu regime aparece na imprensa internacional como um modelo de crueldade e violência. É importante não enxergar as tropas norte-americanas no Golfo como os “mocinhos” contra os “bandidos” iraquianos.

O problema nacional - Um dos grandes problemas que o Oriente Médio é considerado em uma área problemática devido aos choques entre as diferentes culturas e religiões. Não há nenhuma grande religião no mundo em que os habitantes sejam absolutamente iguais. Observe os Estados Unidos, por exemplo, há uma unidade. A Suíça é outro exemplo de unidade de diversos povos e culturas sob um mesmo governo político.

A luta entre sérvios e croatas na Jugoslávia ilustra ativamente a questão. Na Espanha, os bascos querem separar-se do governo de Madrid; na Itália, os habitantes da Sardenha fazem movimentos pela independência, o mesmo ocorrendo entre escoceses e ingleses. De grande impacto é o que ocorre na ex-URSS, que já foi o maior país do mundo e hoje enfrenta os problemas dos milhares de povos que a congregavam e que hoje lutam por emancipação.

Em geral, o nacionalismo, força política do século XIX que parecia ter diminuído no século XX, está associado a problemas econômicos e sociais. É mais comum que as pessoas pensem em separação nos períodos de crise do que nos de apogeu econômico. Por vezes, os problemas econômicos são agravados pela exploração de um governo central ou os povos que constituem minoria não são ouvidos politicamente. No Oriente Médio, onde várias fronteiras foram definidas sem que ninguém tivesse dado sua opinião, esse problema apresenta ainda nova importância.

Os povos errantes

Paléstina - Como diz o nome, o país dos palestinos. Como diz o nome, o país dos palestinos. Como diz o nome, o país dos palestinos. Como diz o nome, o país dos palestinos. Como diz o nome, o país dos palestinos.



O maior problema dos palestinos é a falta de um Estado próprio. Quando o líder fundador do movimento sionista, Theodor Herzl, iniciou o movimento sionista em 1895, ele tinha em mente a criação de um Estado para os judeus. Mas, devido a várias circunstâncias, isso não aconteceu até 1948.

Dessa maneira, dois povos — judeus e palestinos — desejavam as mesmas terras, cada qual com os seus motivos históricos. Fugindo ao terror nazista durante a Segunda Guerra Mundial,

O problema nacional Um dos grandes preconceitos contra o Oriente Médio é considerá-lo uma área problemática devido aos choques entre as diferenças culturais e étnicas. Não há nenhuma grande região no mundo em que os habitantes sejam absolutamente iguais. Observe os Estados Unidos, por exemplo, e veja se há uma unidade. A Suíça é outro exemplo da reunião de diversos povos e culturas sob um mesmo governo político.

A luta entre sérvios e croatas na Iugoslávia ilustra atualmente a questão. Na Espanha, os bascos querem separar-se do governo de Madri; na Itália, os habitantes da Sardenha fazem movimentos pela independência, o mesmo ocorrendo entre escoceses e ingleses. De grande impacto é o que ocorre na ex-URSS, que já foi o maior país do mundo e hoje enfrenta os problemas dos inúmeros povos que a congregavam e que hoje lutam por emancipação.

Em geral, o nacionalismo, força política do século XIX que parecia ter diminuído no século XX, está associado a problemas econômicos e sociais. É mais comum que as pessoas pensem em separação nos períodos de crise do que nos de apogeu econômico. Por vezes, os problemas econômicos são agravados pela exploração de um governo central ou os povos que constituem minoria não são ouvidos politicamente. No Oriente Médio, onde várias fronteiras foram definidas sem que ninguém da região desse sua opinião, esse problema apresenta ainda nova intensidade. É o que veremos agora.

Palestinos Como diz o nome, os palestinos habitam a região da Palestina, onde hoje está, grosso modo, o Estado de Israel. Os palestinos — muçulmanos em sua maioria — atualmente constituem um dos mais sérios pontos de choque no Oriente Médio: a luta por um Estado.

O maior problema dos palestinos começou no final do século XIX, quando o líder fundador do movimento sionista, Theodor Herzl, incentivou os judeus a adquirir terras na Palestina. Ali fundaram diversas colônias agrícolas, tendo como objetivo final estabelecer um Estado judeu independente.

Dessa maneira, dois povos — judeus e palestinos — desejavam as mesmas terras, cada qual com os seus motivos históricos.

Fugindo ao terror nazista durante a Segunda Guerra Mundial,

milhares de judeus migraram da Europa para a Palestina. No fim da guerra, em 1945, o mundo inteiro se achava abalado diante do extermínio de seis milhões de judeus pelos nazistas.

A ONU votou, em 29 de novembro de 1947, a partilha da Palestina, criando um Estado árabe e um judeu.

O drama palestino

O Estado de Israel contaria 14 942 km² e o Estado palestino, 11 203 km² (56,47% e 42,88% da Palestina, respectivamente). Porém, com a guerra de independência de Israel e os conflitos seguintes, o sonho de um Estado palestino permaneceu apenas uma proposta no papel. Israel e outros países como Egito e Síria ocuparam as áreas que originalmente tinham sido destinadas para o Estado palestino.

Em 1950, quando a imprensa mundial destacava o drama de um povo sem pátria, a ONU aprovou a criação do Organismo de Ajuda e de Trabalho das Nações Unidas para os Refugiados Palestinos (UNRWA), que deveria organizar acampamentos e providenciar cuidados médicos e educacionais. Segundo Helena Salem (ver bibliografia, p.71), o grande sucesso da UNRWA estava na área da educação, pois o programa da ONU conseguiu transformar o índice de alfabetização do povo palestino no mais elevado do mundo árabe.

Como eram os acampamentos? Helena Salem descreve que eram “casas de zinco, de pedra, de tijolo e cimento, umas grudadas nas outras, com não mais de três compartimentos (de 3 por 4, em média, cada um), abrigando famílias às vezes de 15 pessoas. Os campos de refugiados assemelham-se todos, seja na Síria, Gaza, Jordânia ou Líbano. Muita pobreza, uma vida que caminha lenta, à espera. Sem água quente, em geral sem encanamento também e sem banheiros privados. No inverno muito frio — abaixo de 0° —, no verão muito calor — mais de 40°. O zinco gela, o zinco arde”.

O drama do povo palestino gerou a organização de vários movimentos de resistência geralmente apoiados pelos países árabes, que usaram a causa palestina como arma contra Israel e como bandeira internacional.

Em maio de 1964, surgiu o mais famoso movimento de resistência, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), cuja proposta básica era implantar um Estado palestino.

Recebendo amplo apoio de alguns países árabes, na Jordânia, por exemplo, o rei Hussein permitiu a existência de uma forte organização palestina, que chegou a constituir um “segundo Estado” daquele país. O poder da OLP cresceu tanto na Jordânia que o rei Hussein decidiu acabar com ela, promovendo uma grande repressão aos palestinos em setembro de 1970. O chamado Setembro Negro mostrou a falta de unidade entre os árabes e a necessidade de a OLP seguir seu próprio caminho.

A invasão do Líbano

A repressão jordaniana colaborou para que muitos palestinos fossem se instalar no sul do Líbano. A concentração na fronteira entre Líbano e Israel não podia ser bem vista pelos judeus. Em 1982 começava uma invasão do Líbano tendo como pretexto a presença palestina.

A invasão israelense, associada a grupos cristãos, deu origem a um dos mais trágicos acontecimentos da história palestina: os massacres de Sabra e Chatila. Esses dois campos de refugiados foram alvos de uma bárbara investida em 19 e 20 de setembro de 1982, resultando na chacina de um número indeterminado de palestinos, o que provocou reações dentro da própria comunidade judaica internacional. Houve até quem, por vezes, comparasse a ação do Estado de Israel em relação aos palestinos como semelhante à ação nazista em relação aos judeus.

A resistência palestina

A reação palestina aumentou após a invasão do Líbano através do movimento chamado Intifada, resistência ao domínio israelense promovida principalmente pela população civil das áreas ocupadas por Israel. Alguns modos de realizar uma intifada são: com a recusa dos civis em colaborar com os judeus, com pedradas e sabotagens às organizações israelenses, com greves e outras formas, pacíficas ou não, de enfrentar o inimigo.

Grupos mais radicais de palestinos optaram também pelo caminho do terrorismo, especialmente contra Israel e seus aliados. A vida e a propriedade de cidadãos israelenses em todo o mundo passaram a conviver com a eterna perspectiva de atentados. A relação da OLP com os atos terroristas é ambígua. Líderes mais moderados, como Yasser

Arafat, passaram a afirmar publicamente na década de 70 a condenação do terrorismo como forma de combate. Por outro lado, tanto Israel como os EUA identificam Arafat e a OLP como agentes terroristas. A existência de grupos variados dentro da OLP torna ainda mais difícil afirmar algo objetivo sobre esse tema.

Há um fato inegável em relação à OLP. Seu líder, Yasser Arafat, conseguiu dar à organização uma presença quase oficial em muitos lugares do mundo. Em 1973, a Conferência de Cúpula Árabe reconheceu a OLP como a única representante do povo palestino. Em dezembro de 1974 Yasser Arafat foi recebido na ONU com honras de chefe de Estado e, ao longo da década de 70, a OLP abriu vários escritórios diplomáticos, inclusive no Brasil.



O líder Yasser Arafat, que comanda a OLP (Organização para a Libertação da Palestina), é considerado como moderado.

Meu inimigo sou eu

Um jornalista judeu, Yoram Binur, fez uma experiência bastante interessante sobre as relações entre palestinos e judeus. Repórter respeitado, resolveu passar por palestino durante algum tempo e olhar a questão com outros olhos. Ex-militar, especialista em combates antiterroristas, Binur passou a vestir-se como palestino: "... deixei o rosto sem barbear e carreguei comigo meu velho e fiel *keffiyeh* vermelho, o tradicional pano que os árabes usam na cabeça".

Binur empregou-se num salão de festas pertencente a um judeu de Tel-Aviv e passou a trabalhar intensamente, ganhando pouco. Descobriu, então, como a mão-de-obra barata palestina é importante na economia israelense. Num novo emprego, uma oficina elétrica, o jornalista narra a seguinte cena entre o empregador judeu e o suposto palestino:

— *Você limpa chão e faz café? — perguntou.*

— *Sim, senhor, mas sou muito bom mecânico, faço revisão e conserto em todos os motores.*

— *Você esteja aqui toda manhã das oito em ponto até as cinco da tarde, e ganha dez shekels.*

Para não levantar a menor das suspeitas, tentei barganhar o salário, que não era suficiente para a minha subsistência, o que dirá para sustentar uma família.

— *Os árabes aqui valem um centavo a dúzia, e estão todos procurando trabalho. Não há razão para eu lhe pagar o que devo — afirmou Yosi com determinação, mas sem nenhum sinal de malícia”.*

Passando por vários locais e situações, Binur traça um quadro ainda mais curioso por ter sido feito por um jornalista judeu. A obra, que leva o título de *Meu inimigo sou eu*, apresenta uma conclusão interessante:

“No fim, as impressões que acumulei formaram um quadro deprimidamente de medo e desconfiança dos dois lados. Os palestinos, empregados como mão-de-obra barata, são obrigados a desempenhar o papel de observadores ativos da sociedade israelense, enquanto os judeus israelenses não fazem sequer isso e se satisfazem em governar sem demonstrar a menor curiosidade sobre como vive o outro lado. Minha conclusão mais definitiva é que uma continuação da presença militar na Cisjordânia e na faixa de Gaza arrisca transformar Israel num lugar em que algumas pessoas, inclusive eu, acharão insuportável viver.”

A ocupação dos territórios palestinos constitui hoje um dos mais graves problemas para Israel e uma grande dor para o povo palestino. As negociações recentes entre palestinos e israelenses, de que trataremos no final do livro, estão indicando que há possibilidade de resolver o problema.

Curdos Um dos povos mais antigos do Oriente Médio são os curdos. Muçulmanos há séculos, foram vítimas das divisões territoriais do século XX. O território curdo foi dividido entre Turquia, Irã, Iraque e Síria.

Perseguidos em quase todos esses países, foram reconhecidos apenas pelo Iraque, que, entretanto, acabou sendo um dos governos mais repressores contra eles.

À medida que a ditadura no Iraque foi endurecendo, houve também um endurecimento contra os curdos. Durante a guerra contra o Irã, eles prejudicaram de várias formas os esforços de guerra iraquianos. A represália iraquiana foi terrível: usou as proibidas armas químicas contra a região curda do norte iraquiano. Os horrores que o mundo tinha visto na Primeira Guerra Mundial voltavam a ocupar as páginas dos jornais. Populações civis indefesas foram dizimadas por aviões que lançavam armas químicas.

➤ Em 1991, mais uma vez os curdos foram contrários ao esforço de guerra do Iraque diante das tropas da ONU e dos EUA. Na fronteira da Turquia forneceram auxílio tático aos bombardeios sobre o Iraque e usaram de todos os recursos para sabotar as linhas de defesa iraquianas no norte do país.

Situação trágica

Terminada a guerra, derrotado sem ter saído do poder, Saddam Hussein jogou contra esse povo toda a força de sua vingança. O primeiro semestre de 1991 assistia a um grande êxodo dos curdos para a Turquia, Irã e Síria, países que, de fato, não queriam recebê-los. Através das regiões montanhosas da fronteira do Iraque com esses países, um imenso número de pessoas tentava fugir à opressão iraquiana.

A situação dos curdos hoje é trágica. Indesejados nas áreas que habitam, vêm com poucas perspectivas a formação do Curdistão com governo próprio. Infelizmente, a causa não entusiasma as grandes potências e nada é feito para constituir um Curdistão autônomo ou, ao menos, para garantir os direitos de plena integração aos países que dominam o povo curdo.

10

Líbano e Afeganistão



Os horrores da

guerra: Líbano Quando o poeta italiano Dante Alighieri imagina o Inferno na obra *A divina comédia*, afirma que “a dor maior é lembrar-se do tempo feliz na miséria”. Talvez essa seja hoje a dor maior do Líbano: dividido e destruído por violenta guerra civil, invadido por forças externas, sofre com a lembrança de sua antiga paz e prosperidade.

Um passado brilhante

Quando a maior parte do mundo ainda era formada por tribos bárbaras sem escrita, o território do atual Líbano era sede de um dos mais brilhantes povos do Mediterrâneo: os fenícios. As prósperas cidades-estado da Fenícia levavam o comércio a partes distantes do mundo, difundindo junto com os produtos o alfabeto, a grande contribuição fenícia à cultura mundial.

As escavações em território libanês mostram em abundância a riqueza do passado na região. Em quase todos os lugares surgem provas arqueológicas da presença de persas, gregos, romanos, bizantinos, muçulmanos e cruzados. A variedade de povos deixou suas marcas também no povo libanês: várias religiões e etnias constituem atualmente o povo desse país.

Pacto Nacional

Dominado pelos turcos, o Líbano foi dividido no século XIX em dois principados: um druso e outro maronita. Os drusos constituem uma seita do mundo muçulmano, enquanto os maronitas são cristãos.

Após o desmembramento do Império Turco, o Líbano passou para o controle francês. Grande número de libaneses e seus descendentes falam hoje esse idioma com fluência. Em 1943, em meio à Segunda Guerra Mundial, o Líbano obteve sua independência organizando o Pacto Nacional.

O pequeno território libanês (10 400km²) apresentava vários grupos religiosos e étnicos e devia decidir sobre o poder, já que a França estava para retirar-se. Levando em conta a população do Líbano e a participação de cada grupo étnico-religioso nela, o Pacto Nacional dividia o poder assim:

- O presidente da República seria sempre um cristão maronita.
- O primeiro-ministro seria sempre um sunita.
- O presidente do Parlamento seria sempre um xiita.
- O vice-presidente do Parlamento seria um grego ortodoxo.

Os drusos, por fim, teriam cargos menores, proporcionais à sua participação no total de habitantes do Líbano.

O Pacto Nacional estabelecia, assim, um equilíbrio incomum no Oriente Médio. No período de cerca de 30 anos em que funcionou, o sistema libanês forneceu um poderoso exemplo para a crise do Oriente Médio: assegurando direitos de participação aos elementos que integram cada área, o Líbano transformou-se num pólo cultural e econômico, a ponto de Beirute ser chamada “a Paris do Oriente”.

Problemas

internos e externos É claro que nem tudo foi pacífico no período. Houve uma série de choques em 1958, período chamado usualmente de “a primeira guerra civil”. Os choques foram encerrados com a intervenção norte-americana. Também as guerras contra Israel passaram pelo Líbano. No geral, porém, o país adquiriu um delicado equilíbrio de forças, que acabaria sendo destruído por elementos internos e externos.

O primeiro elemento importante para o quadro de guerra generalizada dos anos 70 foi demográfico. A população muçulmana, em especial a xiita, crescia em proporção muito maior do que os outros grupos. O crescimento demográfico dos muçulmanos questionava a organização política feita pelo Pacto Nacional.

Outras dificuldades internas importantes nasceram das tradições libanesas. O país continuava dividido em clãs (grupos de famílias), num estilo tipicamente feudal. Havia dificuldade em estabelecer a autoridade nacional sobre o Líbano, já que os chefes de cada clã eram a autoridade mais importante de cada lugar. Além disso, a capital e o norte eram muito mais desenvolvidos do que o sul. E as diferenças religiosas e étnicas eram acentuadas justamente pela divisão em clãs.

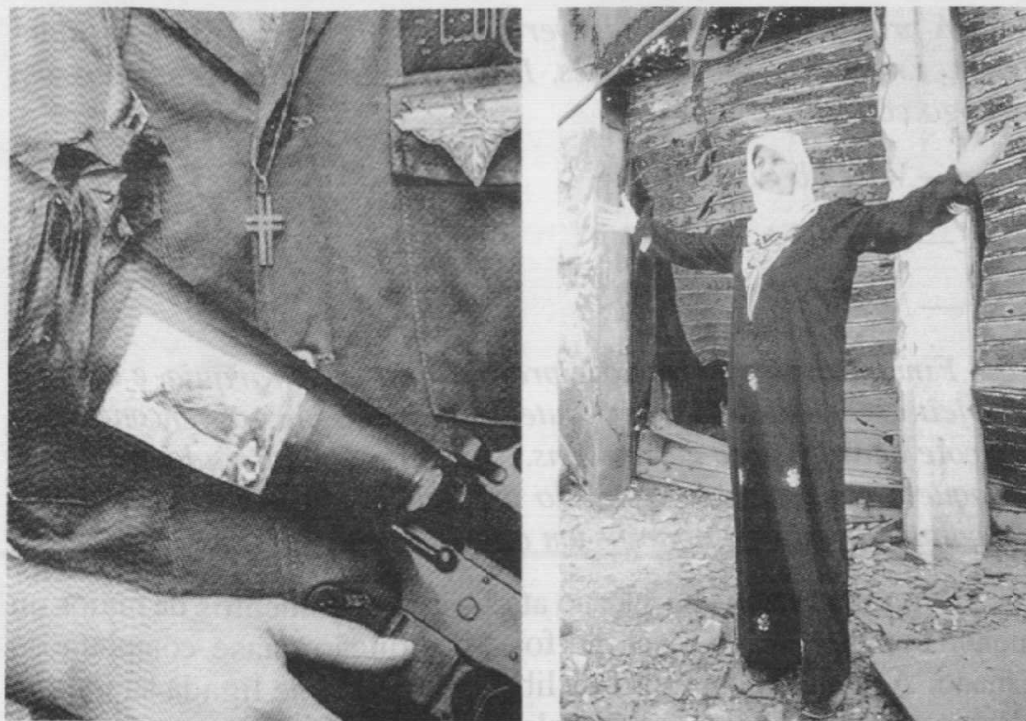
Para muitos estudiosos, porém, foram os problemas externos que provocaram de fato a crise libanesa.

Primeiramente, os problemas entre israelenses e palestinos provocaram (e provocam) um verdadeiro êxodo palestino rumo ao Líbano. Também os já comentados incidentes entre palestinos e jordanianos tornaram o vizinho um refúgio. A região sul do país está hoje densamente habitada por palestinos, que fizeram do sul libanês uma base de operações contra o vizinho Israel.

Outros países muçulmanos, principalmente a Síria, aproveitando-se da fragilidade libanesa, passaram a interferir abertamente no país. Olhando o mapa do Oriente Médio você logo perceberá que o Líbano é o palco ideal para a luta de interesses no Oriente Médio, como um dia foi o Vietnã na Ásia.

Começa a luta fratricida As tensões foram crescendo na década de 70. Um incidente, em abril de 1975, foi o estopim para o início da guerra. Um ônibus com muçulmanos foi metralhado e seus 26 ocupantes morreram. O atentado foi atribuído aos cristãos da Falange Cristã Maronita. Logo após o ataque, os muçulmanos revidaram com uma série de atentados. Poucos dias após o massacre, mais de 300 pessoas já haviam morrido no Líbano.

A Síria, que tinha antigas pretensões sobre o Líbano, aproveitou a guerra interna e invadiu o seu território. Pouco tempo depois, alegando a necessidade de eliminar a presença de guerrilheiros no sul do Líbano, Israel também invadiu a região.



Triste cotidiano de Beirute: à esquerda, soldado cristão maronita de arma em punho; à direita, libanesa em frente à sua loja destruída.

Em 1978, a guerra atingia com mais violência a antiga “Paris do Oriente”. A batalha de Beirute destruiu a cidade. Todos que a conheceram antes da guerra e a contemplavam agora podiam lembrar a frase de Dante que citamos no início. A vida libanesa fora transformada num verdadeiro inferno.

Thomas L. Friedman, repórter norte-americano, ao escrever sobre Beirute destaca tanto o horror como a ironia da guerra. Ele classifica a cidade como uma cidade de “versões”. Cada lado envolvido na guerra afirma uma coisa. Os bombardeios constantes passam a integrar a rotina da cidade. As pessoas acostumam-se ao horror da guerra. A morte passa a ser vulgar. O clima de terror desce aos atos mais triviais, como receber um pacote:

“Perto do Natal daquele mesmo ano, a jovem retornou ao escritório, trazendo um pacote redondo muito grande, embrulhado em papel dourado. Entrou, pediu para falar comigo e entregou-me o volume dizendo:

— O Sr. Koleilat quer que receba isto.

A primeira coisa que fiz foi verificar se não estava fazendo tiquetaque. Então meu colega libanês, David Zenian, e eu iniciamos um diálogo cômico:

— Você abre...

— Não, você...

— Não, abra você.

Finalmente apelei para que prevalecesse a hierarquia, e ele não teve jeito senão desembulhar cautelosamente o pacote, encontrando um pote de vidro cheio de bombons... Ficamos tão aliviados pelo fato de aquela coisa não ter explodido que quase não reparamos que o chocolate devia ter pelo menos um ano.”

A guerra continua no Líbano até hoje. Há momentos de maior ou menor combate, mas o resultado foi a destruição quase completa do Líbano. A solução dos problemas libaneses está hoje ligada também a elementos externos: Síria, Israel, palestinos. Infelizmente, a perspectiva de paz ainda está distante da terra dos antigos fenícios.

Afeganistão:

a foice contra o crescente Imensas áreas do território da ex-URSS eram habitadas por muçulmanos. O velho problema das nacionalidades no gigante soviético era, assim, aumentado pela oposição muçulmana ao regime ateu de Moscou.

Outro fator muito antigo acabou levando à intervenção soviética no Afeganistão. Há séculos, os russos realizam movimentos de expansão procurando atingir saídas para mares "quentes", que, ao contrário do Ártico, por exemplo, não fiquem fechados no inverno.

Em 1973, um golpe havia acabado com a tradicional monarquia afegã e, pouco tempo depois, o novo regime, liderado por Mohamed Taraki, passou a manter fortes laços com o regime soviético.

Em 1979, a situação no Irã, com a vitória da revolução xiita, preocupou ainda mais a ex-URSS em relação ao Afeganistão. Para agravar a situação, os guerrilheiros muçulmanos, apoiados pelo Paquistão, os EUA e até a China, obtiveram várias vitórias contra as tropas regulares afegãs. A solução encontrada pela ex-URSS foi a invasão.

Assim como os norte-americanos no Vietnã, os russos conheciam a dificuldade de derrotar um movimento de guerrilha. Conhecedores das montanhas e desertos afegãos, lutando pela sua terra, os guerrilheiros enfrentaram por quase 10 anos o pesado exército soviético. É difícil imaginar que o movimento de guerrilha tivesse condições de vencer totalmente um exército gigantesco, porém conseguiam estabelecer uma situação de desgaste que levava a um tenso equilíbrio: nem guerrilheiros, nem soviéticos eram vencedores.

A semelhança entre o Afeganistão e o Vietnã foi notada até pelo cinema. *Rambo III*, por exemplo, mostra um "ex-herói" do Vietnã que vai lutar no Afeganistão. Na visão do cinema norte-americano, Rambo é o herói que vai libertar o povo afegão do "horror soviético".

Apesar da visão preconceituosa do filme, há um vivo paralelo entre as duas situações: os russos experimentaram o desgaste mundial de estar invadindo um país pequeno contra a vontade de seu povo. Os gastos da guerra também atacavam violentamente a já problemática economia soviética. Os soldados mortos no Afeganistão eram enterrados sem que constasse onde haviam morrido, para que o povo soviético não tivesse consciência do elevado número de mortos.

Retirada soviética

A partir da ascensão de Gorbatchev, a situação do Afeganistão tomou novo rumo. Muito mais preocupado com a situação interna do seu país, Gorbatchev passou a apoiar a retirada soviética.

Em abril de 1988, em Genebra, EUA, ex-URSS, Afeganistão e Paquistão assinaram um acordo que previa a lenta retirada soviética do território afegão. O acordo estabelecia a não interferência dos países envolvidos na situação do Afeganistão.

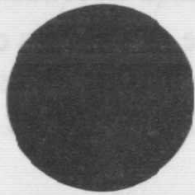
Esperava-se que, logo após a saída do último soldado, o regime socialista de Cabul caísse. Curiosamente, isso não aconteceu. Apesar do avanço da guerrilha, o governo permanece mesmo sem o apoio militar de Moscou. Para explicar isso, poderíamos lembrar a divisão da guerrilha afegã, que não conta com lideranças centralizadas e deixou de receber a maior parte do apoio externo após o acordo de Genebra.

Após tantos anos de intervenção, mais de 1,3 milhão de afegãos tinham morrido em combates, contra 15 mil soviéticos. Milhões de afegãos permanecem refugiados nos países vizinhos, especialmente Irã e Paquistão. O confronto entre guerrilheiros e o regime de Cabul continua até hoje.

O atual presidente do Afeganistão, Mohamed Najibulá Ahmadzai, é acusado de violar com freqüência os direitos humanos. Há cerca de três mil presos políticos que sofrem torturas. Apesar de tudo, países como a França reaproximaram-se do Afeganistão e restabeleceram relações diplomáticas com Cabul, em janeiro de 1990. Najibulá iniciou reformas democráticas, mesmo que tímidas, como o fim do estado de emergência.

11

Retomando o caminho feito



Vimos até aqui que o Oriente Médio é uma região marcada pelos muçulmanos, judeus e cristãos. São três religiões monoteístas que apresentam várias semelhanças entre si.

O Oriente Médio estava dominado pelo Império Turco-otomano até o fim da Primeira Guerra Mundial. Com a derrota do Império Turco, a maior parte de seu território foi desmembrada e dominada pelas potências européias, principalmente Inglaterra e França. Esse domínio introduziu alguns dos problemas que marcariam a região no futuro, especialmente as divisões políticas artificiais que só atendiam aos interesses imperialistas.

A descoberta de largas reservas petrolíferas no Oriente Médio acrescentou-lhe a possibilidade de riquezas incalculáveis e um crescimento da tensão internacional na área. A riqueza do petróleo distribuiu-se de forma irregular e não significou um desenvolvimento para a massa de sua população.

Em 1948, ressurgia na região o Estado de Israel, proposto pela ONU, e imediatamente os países árabes vizinhos passaram a atacar o novo Estado. Além da guerra de independência, árabes e israelenses ainda lutaram em 1956, 1967 e 1973. As vitórias israelenses nos conflitos representaram também uma expansão de seu território e a ocupação de áreas que a ONU destinara aos palestinos, criando um grave problema para a paz na região.

Os conflitos não se resumiram a Israel contra árabes. Também houve atritos entre os árabes, como a perseguição jordaniana aos palestinos, a Guerra Irã-Iraque e, mais recentemente, a Guerra do Golfo, o Iraque contra uma ampla aliança liderada pelos EUA.

As divisões territoriais e as guerras criaram povos destituídos de Estado, como os palestinos e curdos. Além dos povos sem Estado, há Estados cujos povos lutam violentamente entre si, como o Líbano.

Organizando as idéias... Poderíamos resumir as grandes linhas de choque na região, quase todas relacionadas entre si, desse modo:

- Choques entre o Estado de Israel e os Estados árabes. Ex.: Guerra dos Seis Dias.
- Choques de povos pela autonomia. Ex.: palestinos *versus* Israel, curdos *versus* Iraque, Turquia, Síria e Irã.

- Choques entre árabes. Ex.: Irã *versus* Iraque, Iraque *versus* Kuwait, etc.
- Choques por interferências externas no Oriente Médio. Ex.: invasão soviética no Afeganistão.
- Choques internos nos países. Ex.: Líbano, ataque do governo Sírio a Hama, etc.

O que torna a situação do Oriente Médio particularmente grave é a conjugação de quase todos esses problemas ao mesmo tempo. Em outras palavras, as crises da região são um somatório de todos os choques, que podemos separar só para fins didáticos.

Os países hoje Vejamos a situação interna atual de alguns países da região. Desde a morte de Khomeini em junho de 1989, o Irã, o país mais populoso, passa por uma fase moderada, sob a orientação de Ali Khamenei. A economia iraniana, após os anos de crise profunda ligada à guerra, à retração do preço do petróleo e ao isolamento do país, voltou a apresentar sinais de melhora. A crise do Golfo ajudou a reaproximar o Irã do Iraque, tendo os dois países reatado relações diplomáticas em 1990.

O Iraque é uma incógnita. O regime de Saddam Hussein sofre pressões de todos os lados mas, como já vimos, tem demonstrado uma notável capacidade de sobrevivência. A economia iraquiana está profundamente abalada pelo embargo econômico da ONU e pela guerra.

A Arábia Saudita é uma monarquia, governada há 10 anos pelo rei Fahd Abdulaziz. Há algum tempo, o regime saudita anuncia reformas democráticas, mas na prática quase nada foi feito. A aliança da Arábia Saudita com os EUA fortaleceu-se com a crise do Golfo, criando um problema no mundo árabe, posto que os EUA são considerados um governo pró-Israel.

O Iêmen foi reunificado em 1990, quando o do Sul (marxista) e o do Norte ficaram sob o controle do coronel Ali Abdala Saleh. Hoje é um dos poucos países do mundo árabe que caminha de fato para uma democratização, em meio a uma das maiores pobreza da região.

O Kuwait sofreu muito com a invasão iraquiana. Pela primeira vez na sua história independente, pediu dinheiro emprestado ao sistema financeiro internacional. Apesar disso, a riqueza petrolífera do país

atraiu muitos investidores estrangeiros, dispostos a reconstruí-lo. O poder voltou para as mãos do xeque Jaber al-Ahmed al-Sabah, que prometeu, durante a crise do Golfo, reformas democráticas no país, que não estão acontecendo.

O Líbano é hoje um país dividido. O sul está sofrendo nova onda de ataques israelenses e a guerra civil prossegue. O território libanês constitui hoje a mais tensa região do Oriente Médio.

Israel constitui uma democracia parlamentar com mais de 26 partidos, sendo os mais importantes o Trabalhista e o Likud. O Partido Trabalhista de Shimmon Peres costuma ser mais flexível em relação à questão palestina, ao contrário do Likud, oposto a quase todo tipo de negociação sobre os territórios ocupados. Após uma luta vitoriosa contra a imensa inflação que Israel enfrentou, a economia tem apresentado resultados medíocres. Porém, Israel ainda apresenta uma elevada renda *per capita* de US\$ 8 650 (a do Brasil é de US\$ 2 437). Os territórios ocupados são hoje o seu grande problema.

A Síria apresenta-se como uma república socialista. O presidente Hafez Assad tem diminuído o tom radical de alguns anos atrás. Tradicional aliada da ex-URSS, a Síria guarda uma grande dívida com Moscou de cerca de 14 bilhões de dólares. A grande reivindicação síria no Oriente Médio é a devolução das colinas de Golan, ocupadas por Israel.

A postura duvidosa da Jordânia na crise do Golfo desgastou o rei Hussein Talal. Há um projeto de democratização no país que avança lentamente. Os abalos no Iraque foram sentidos na economia jordaniana, dada a importância das relações comerciais entre Amã e Bagdá. Em relação aos palestinos, a Jordânia apresenta uma grande ambigüidade. Grande parte de sua população é palestina ou pró-palestina. A delegação de paz da Jordânia em Madri era chamada delegação "jordano-palestina". Porém, desde o chamado Setembro Negro, o governo jordaniano mostra não estar disposto a deixar a OLP crescer como poder.

Soluções? É sempre fácil identificar problemas. Propor soluções é algo bem mais difícil. Procurá-las, porém, é sempre necessário. O objetivo desta última parte é mostrar que, se houve causas concretas para os problemas, há também soluções concretas para eles.

O Líbano foi um exemplo, durante bastante tempo, de como encontrar a paz no Oriente Médio. País profundamente dividido por povos diversos, conseguiu a paz mediante a distribuição de poder e responsabilidades políticas. A democracia parece, nesse caso, ser um caminho viável. A crise no Líbano está ligada exatamente ao fim do equilíbrio, já que a estrutura política montada em 1943 não foi modernizada.

A maior parte dos países do Oriente Médio tem largas reservas de petróleo, que poderiam ser usadas para eliminar as tensões sociais da região. Os regimes não democráticos que predominam na região são um obstáculo a essa possibilidade. Regimes como o do Kuwait possibilitam um certo bem-estar que produz uma letargia na população, ou seja, como a população recebe uma parte dos benefícios possíveis do petróleo, não se revolta.

A interferência de outros países, como os EUA, também é um elemento de instabilidade na região. A resolução dos graves problemas deve ser encontrada pelos envolvidos, não por terceiros.

Porém, não é apenas a interferência direta das potências que o Oriente Médio deveria recusar. A interferência indireta é igualmente grave. O que significa isso? O Oriente Médio busca imitar algumas soluções políticas e econômicas que deram resultado no Ocidente. A região deveria buscar uma solução autônoma, coerente com uma tradição cultural completamente diversa do Ocidente, evitando os modelos que surgiram de outras realidades, como o parlamentarismo ou o socialismo. Qual o melhor modelo para a região? Essa é uma resposta que apenas o Oriente Médio pode dar.

Outro problema sério é a questão palestina. A existência de povos diversos em áreas reduzidas gera problemas delicados. Seria necessário superar essa força do século XIX, o nacionalismo, e perseguir objetivos maiores, como o bem-estar das populações. A idéia de uma federação na antiga Palestina, que reunisse tanto árabes quanto judeus, é tão lógica como distante.

A convivência com a diversidade é o maior desafio deste fim de século. Como já afirmamos, a solução para muitos problemas do Oriente Médio e do mundo está na convicção de que a diferença nos torna mais ricos, nunca inimigos.

O Líbano foi um exemplo, durante bastante tempo, de como encontrar a paz no Oriente Médio. Este profundamente dividido por povos diversos, conseguiu encontrar a distribuição de poder e responsabilidades políticas, nos países, nesse caso, sem um caminho viável. A crise no Líbano acabou exatamente ao fim do equívoco, já que a estrutura montada em 1943 não foi modificada.

12

A maior parte dos países do Oriente Médio tem largas reservas de petróleo, que poderiam ser usadas para eliminar as tensões sociais da região. Os regimes não democráticos que predominam na região são um obstáculo a essa possibilidade. Regimes como o do Kuwait possibilitam um certo bem-estar que produz uma letargia na população, ou seja, como a população recebe uma parte dos benefícios possíveis do petróleo, não se revolta.

A interferência de outros países, como os EUA, também é um elemento de instabilidade na região. A resolução dos graves problemas deve ser encontrada pelos envolvidos, não por terceiros.

Porém, não é apenas a interferência direta das potências que o Oriente Médio deveria recusar. A interferência indireta é igualmente grave. O que significa isso? O Oriente Médio busca imitar algumas soluções políticas e econômicas de outros países no Oriente. A região deveria buscar uma solução diferente com uma tradição cultural própria, visando os melhores meios de desenvolvimento social.

A paz no Oriente Médio

Um problema sério é a existência de povos diversos em áreas reduzidas. Serão necessários esforços dedicados para superar essas forças do século XIX. A ideia de uma federação na antiga Palestina, que tentamos fazer quando judeus e árabes não eram como distantes.

A convivência com a diversidade é o maior desafio deste fim de século. Como já afirmamos, a solução para muitos problemas do Oriente Médio e do mundo está na convicção de que a diversidade nos torna mais ricos, nunca inimigos.

No dia 13 de setembro de 1993, todos os jornais, revistas e televisões do mundo estampavam a foto do aperto de mão entre o primeiro-ministro de Israel (Rabin) e o líder da OLP (Arafat) nos jardins da Casa Branca, em Washington. Sob o olhar sorridente do presidente dos EUA, Bill Clinton, duas mãos que pareciam destinadas ao ódio eterno tocavam-se para surpresa de muitos. Como foi possível isso? Quais as conseqüências desse acordo?

Só há pouco tempo, o grande público tomou conhecimento da chamada Conexão Oslo. Um pequeno grupo de palestinos passou a encontrar um grupo de israelenses na capital da Noruega. Esses encontros ocorriam paralelamente aos encontros oficiais que os Estados Unidos e a ONU patrocinavam na Espanha e em outros lugares. Para espanto geral, esses encontros geraram resultados.

Israel aceitou devolver ao controle palestino a faixa de Gaza e a cidade de Jericó, o que batizou o plano de "Gaza e Jericó Primeiro". Os palestinos, representados pela OLP, comprometiam-se a abrir mão de qualquer atitude terrorista e colocar fim à rebelião da Intifada. Após essa primeira fase, israelenses e palestinos discutiriam novamente para o acerto de novos pontos, especialmente a chamada Cisjordânia e os milhares de colonos judeus presentes nas regiões ocupadas.

Ninguém acreditava que esse seria um encontro fácil. Os discursos entre os líderes não eram um discurso de amor recíproco, mas de quem reconhecia as diferenças e achava necessário conviver com elas. O próprio Arafat havia lembrado antes do encontro que a "paz não se faz com amigos, mas com inimigos". O discurso de Rabin lembrou como era difícil explicar às famílias das vítimas do terror o acordo que estava sendo firmado. No final, apenas por uma delicada pressão do presidente dos EUA é que os dois líderes trocaram um aperto de mãos.

Os críticos do acordo foram vários. Palestinos mais radicais diziam que o plano era uma tentativa de Israel de entregar apenas Gaza e Jerusalém e provocar uma divisão no movimento palestino, gerando até uma possível guerra civil entre os árabes das regiões ocupadas.

Grupos de palestinos mais extremados (como o Hamas) declararam ser a OLP uma "traidora dos ideais palestinos" e prometeram aberta resistência ao acordo.

Em Israel também houve protestos variados. Os colonos judeus nas áreas ocupadas acusaram o primeiro-ministro de trair suas esperanças. Nos anos anteriores, Israel havia dito que necessitava da presença

de judeus nos territórios ocupados para garantir o domínio do Estado judeu sobre essas áreas. Agora, o governo diz que está devolvendo lentamente esses territórios aos árabes, o que irrita profundamente os colonos judeus.

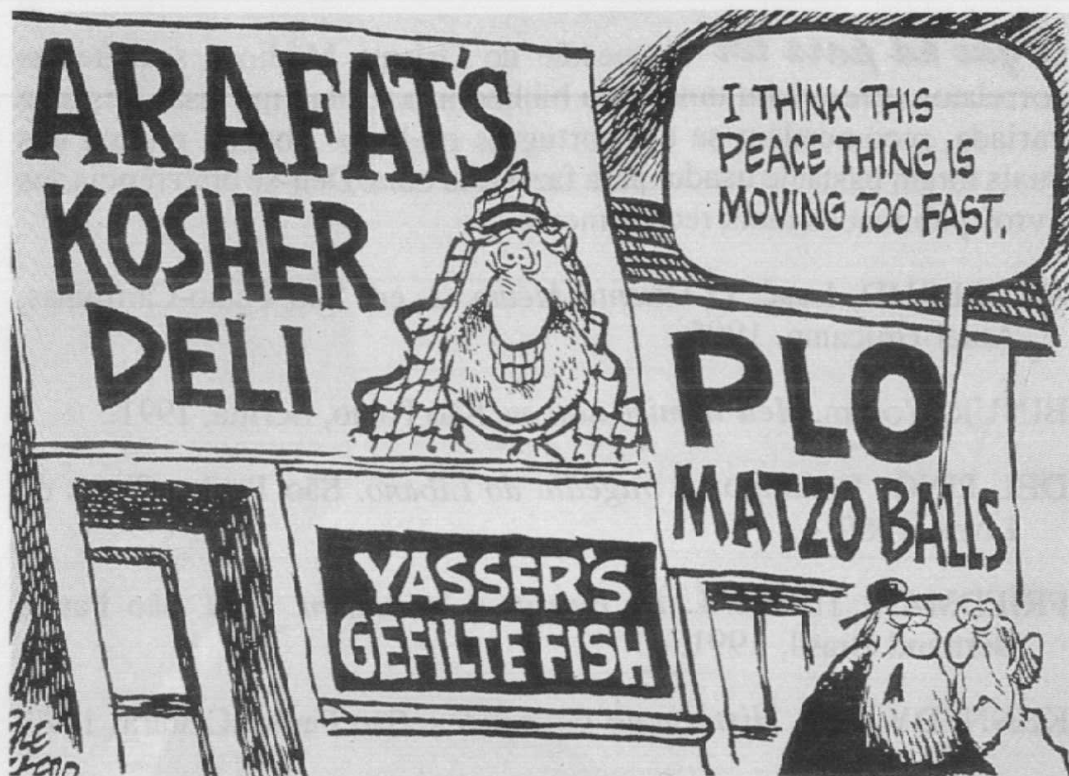
O Parlamento israelense foi palco de violentas discussões na semana seguinte ao acordo. A votação do tratado foi significativa para a dissensão do Parlamento. O plano foi aprovado por 61 votos contra 50, uma escassa maioria. O Partido Trabalhista de Israel garantiu a maior parte dessa apertada vitória (44 votos). Outros 12 votos vieram da coligação de esquerda Meretz, somados mais cinco votos de partidos menores. O bloco de direita, Likud, foi responsável pela maioria dos votos contrários. A votação mostra com clareza que a aproximação com os palestinos não é uma unanimidade em Israel.

No mesmo dia da assinatura do acordo, houve o hasteamento público da bandeira dos palestinos, com as cores preta, vermelha, branca e verde. Até poucas horas antes, esse hasteamento seria considerado um crime e as pessoas envolvidas seriam presas e julgadas.

Aumentando ainda mais as perspectivas de paz, o primeiro-ministro de Israel visitou o Marrocos ao voltar dos EUA, restabelecendo contatos diplomáticos entre os dois países. Ao descer em Casablanca para encontrar o rei Hassan, o ministro israelense ouviu a saudação pelo novo ano do calendário judeu. O rei Hassan fez o cumprimento em hebraico, mostrando ainda com maior clareza as intenções cordiais que passaram a existir entre Israel e alguns países árabes.

Os problemas continuam enormes. Discutir a delicada questão de Gaza e Jericó foi infinitamente mais fácil do que discutir a divisão de Jerusalém ou a formação efetiva de um Estado Palestino na Cisjordânia. Vários países árabes, como Irã e Iraque, prefeririam jogar artefatos nucleares sobre Israel a discutir qualquer programa político. Vários israelenses não entregariam nenhuma parte dos territórios conquistados e talvez até propusessem conquistar mais. Porém, como foi dito em Washington e pelos Beatles, foi dada uma chance para a paz.

Muito mais do que um encontro em Washington, o acordo entre judeus e palestinos mostra que, se foi possível juntar inimigos tão tradicionais, nenhum acordo de paz é impossível. A paz possível no Oriente Médio é a paz possível no mundo; a paz possível no mundo é o futuro possível da humanidade, do seu futuro, do nosso. Depois daquele aperto de mãos, este dia ficou mais próximo.



Após observar que há restaurantes de comida típica judaica com o nome de Arafat, da OLP, dois judeus comentam: "Este negócio de paz está indo rápido demais".

Bibliografia e filmoteca

O que há para ler A questão do Oriente Médio e seus temas correlatos apresentam uma vasta bibliografia. Com uma visão bastante variada, recomendam-se em português os livros abaixo, muitos dos quais foram bastante usados para fazer esta obra. Deu-se preferência aos livros publicados mais recentemente.

AKCELRUD, Isaac. *O Oriente Médio*. 2. ed. São Paulo-Campinas, Atual-Unicamp, 1985.

BINUR, Yoram. *Meu inimigo sou eu*. São Paulo, Scritta, 1991.

DEL PINO, Domingo. *A tragédia do Líbano*. São Paulo, Clube do Livro, 1989.

FRIEDMAN, Thomas L. *De Beirute a Jerusalém*. 3. ed. São Paulo, Bertrand Brasil, 1991.

KENNEDY, Paul. *História do povo judeu*. São Paulo, Cultura, 1990.

LINHARES, Maria Yedda. *O Oriente Médio e o mundo árabe*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

MILLER, Judith e MYLROIE, Laurie. *Saddam Hussein e a crise do golfo*. São Paulo, Scritta, 1990.

OLIC, Nelson Bacic. *O Oriente Médio — uma região de conflitos*. São Paulo, Moderna, 1991.

SALEM, Helena. *O que é questão palestina*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

O que há para ver Já se tornou comum recomendar filmes em textos didáticos. Mesmo com uma visão nem sempre fiel aos fatos, os filmes constituem um riquíssimo elemento para entrar mais num tema. Não perca a chance de ver alguns como estes:

Lawrence da Arábia: história da atuação desse militar inglês, que participou da luta contra o Império Turco.

DISTRIBUIDORES

Exodus: trata-se, na verdade, de um romance cuja história ocorre no momento em que estava sendo criado o Estado de Israel.

The chosen: em Nova Iorque, dois judeus (um ortodoxo e um liberal) discutem sobre a existência de Israel.

Hanna K.: os problemas entre israelenses e palestinos transportados para um tribunal.

A batalha de Argel: um clássico sobre o violento processo de independência da Argélia contra a França.

PONTO DE APOIO

A Série PONTO DE APOIO foi especialmente criada para aprofundar aquele ponto do programa que está muito condensado, pouco explorado.

A diversidade dos temas, enfocados em linguagem acessível por autores especializados, faz da Série PONTO DE APOIO uma excelente opção para complementar o ensino de 1º e de 2º graus, estimulando uma participação mais efetiva do estudante.

Biblioteca Francisco de Assis
- IFA



24/50



cipione

ISBN 85-262-2218-X



9 788526 22